



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

O nacionalismo ucraniano e o Holodomor (1932-1933).

Lyubov Sikaylo

Mestrado em História Moderna e Contemporânea

Orientadora:  
Doutora Ana Maria Pina, Professora Auxiliar,  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023





SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de História

O nacionalismo ucraniano e o Holodomor (1932-1933).

Lyubov Sikaylo

Mestrado em História Moderna e Contemporânea.

Orientadora:  
Doutora Ana Maria Pina, Professora Auxiliar  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

## **Agradecimentos:**

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer à Profª Doutora Ana Maria Pina pela paciência e apoio em momentos em que pensei desistir. Tenho também de citar a Profª Doutora Maria João Vaz que me apoiou e incentivou o espírito crítico ao longo da minha formação académica.

Agradeço aos meus colegas de turma que estiveram do meu lado e me apoiaram em tempos difíceis.

À minha família que desempenhou um papel inestimável na minha jornada de mestrado, gostaria de expressar meu profundo agradecimento por seu amor, apoio e compreensão ao longo deste período desafiador. Sua confiança e incentivo constante foram um farol de luz nos momentos de incerteza.

*“Коли вмирає одна людина – з нею відходить цілий світ, коли ж вмирали в муках мільйони від голодомору – з ними відходили цілі галактики. Якщо ми забудемо по кому б’є цей дзвін пам’яті – подзвін буде за нами?”*

*“Quando uma pessoa morre, um mundo inteiro se vai com ela, mas quando milhões morrem de fome em agonia, galáxias inteiras se vão com eles. Se esquecermos por quem esse sino da memória toca, o sino tocará por nós?”*

*“When one person dies, a whole world goes with them, but when millions die of famine in agony, entire galaxies go with them. If we forget for whom this bell of memory tolls, the bell will toll for us?”*

Provérbio popular ucraniano.



## **Resumo**

Este tema adentra profundamente no ponto de viragem da história ucraniana, examinando as atividades da Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN) durante o Holodomor de 1932-1933.

O trabalho aborda as consequências, examina as mudanças na estratégia da OUN, suas mudanças ideológicas e tentativas de reconhecimento internacional do Holodomor. Incluir retaliação como meio de influência política adiciona uma dimensão interessante à sua análise.

A menção do contexto histórico, o uso de várias fontes e a aderência a abordagens modernas de análise histórica indicam um desejo de pesquisa abrangente e objetiva.

As publicações da OUN relacionadas com a história do Holodomor e a luta contra a URSS foram consideradas.

**Palavras-chave:** OUN, Holodomor, URSS, historiografia, movimentos nacionalistas.





## **Abstract**

This theme delves deeply into the turning point of Ukrainian history, examining the activities of the Organization of Ukrainian Nationalists (OUN) during the Holodomor of 1932-1933.

The work touches on the consequences, examines changes in the strategy of the OUN, its ideological shifts and attempts at international recognition of the Holodomor. Including retaliation as a means of political influence adds an interesting dimension to your analysis.

Mention of the historical context, use of various sources, adherence to modern approaches of historical analysis indicate a desire for comprehensive and objective research.

The publishing activity of the OUN related to the history of the Holodomor and the struggle against the USSR was considered.

**Keywords:** OUN, Holodomor, USSR, historiography, nationalist movements.



## Índice

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>iv</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>vii</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>ix</b>
<b>Glossário de siglas .....</b>	<b>xiii</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1: Estado da arte: Historiografia das atividades da OUN. Historiografia da pesquisa sobre o Holodomor.....</b>	<b>3</b>
<b>Capítulo 2: Atividades da OUN no contexto do Holodomor .....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 Formação da OUN e seus objetivos. ....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 Atividades e métodos da OUN.....</b>	<b>19</b>
<b>3.1 O impacto do Holodomor no movimento nacional ucraniano. ....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 O assassinato de Oleksiy Mailov, como um ato de vingança pelo Holodomor.....</b>	<b>30</b>
<b>3.3 Reflexo do Holodomor na ideologia da OUN e em suas publicações.....</b>	<b>36</b>
<b>3.4 Tentativas de reconhecimento internacional do Holodomor e a reação da OUN a elas. ....</b>	<b>41</b>
<b>Capítulo 4. Memórias dos sobreviventes do Holodomor (1932-1933) .....</b>	<b>53</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>57</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>60</b>



## Glossário de siglas

OUN - Organização dos Nacionalistas Ucranianos. Em ucraniano: “*Orhanizatsiya ukrayins'kykh nationalistiv*”.

PUN - Liderança dos Nacionalistas Ucranianos. Em ucraniano: “*Provid Ukrainskih Natsionalistiv*”.

UGKRU- Comitê Público Ucraniano para o Salvamento da Ucrânia. Em ucraniano “*Ukrayins'kyi Hromads'kyi Komitet Ryatunku Ukrainy*”.

ZUZ - Terras Ucranianas Ocidentais. Em ucraniano: “*Zakhidno-Ukrayins'ki Zemli*”.

UNO - União Nacional Ucraniana. Em ucraniano: “*Ukrayinske Natsionalne Ob'yednannia*”.

UNDO - União Nacional-Democrática Ucraniana. Em ucraniano: “*Ukrayins'ke natsional'no-demokratychnne ob'yednannia*”.

UPA - Exército Insurgente Ucraniano. Em ucraniano: “*Ukrayinska Povstanska Armiya*”.

NKVD - Commissariado do Povo para Assuntos Internos. Em ucraniano: “*Narodnyi komisariat vnutrishnikh sprav*.” Em russo: “*Narodnyy komissariat vnutrennikh del*”.

GPU - Diretório Político do Estado. Em russo: “*Gosudarstvennoye Politicheskoye Upravleniye*”.

## **Introdução**

A historiografia ucraniana do século XX ficou marcada por uma série de eventos e tragédias que afetaram o destino do país e do seu povo. Um dos eventos históricos mais importantes e conhecidos é o Holodomor de 1932-1933, que causou um genocídio em massa da população ucraniana. Em simultâneo a atividade da Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN), que estava ativa na época e desempenha um papel importante na compreensão da história ucraniana do século XX. Pesquisar a relação entre esses dois fenômenos é uma tarefa importante para revelar o contexto histórico complexo e analisar os eventos que moldaram a Ucrânia moderna.

Este trabalho analisará as atividades da OUN e o Holodomor de 1932-1933, em particular, sua interação e influência mútua. O objetivo deste estudo é destacar o papel e as atividades da OUN no contexto do Holodomor e revelar os fatores que levaram a esses eventos.

As atividades da Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN) e sua atitude em relação ao Holodomor de 1932-1933 na República Soviética Ucraniana (URSS) são estudadas em detalhe na historiografia moderna. Durante o período de independência da Ucrânia, surgiram numerosos estudos e publicações centrados nesse problema. É especialmente importante analisar como o Holodomor de 1932-1933 afetou as atividades do movimento nacional ucraniano como um todo, bem como da OUN, que era uma das principais organizações desse movimento.

Este estudo tem como objetivo demonstrar o nível de compreensão dos membros da OUN sobre a essência do regime soviético, bem como o estudo das ações de retaliação, que tinham como objetivo punir aqueles que eram responsáveis pelo genocídio em massa da população ucraniana no início da década de 1930 na URSS. Analisando ainda as informações sobre esses crimes que circulavam nos meios de comunicação internacionais.

Vale ressaltar que as ações de retaliação como meio de influência política se tornaram relevantes no início da década de 1920. (O primeiro caso conhecido de uso de tais ações na história diz respeito ao Genocídio Armênio, quando ativistas armênios organizaram ações de vingança contra os turcos, a quem acusaram de matar armênios no território do Império Otomano. No entanto, o caso do assassinato político do ex-Ministro do Interior da Turquia, Talaat Bey, pelo ativista armênio Soghomon Teyleryan em 15 de março de 1921, tornou-se especialmente notório. Este ato foi justificado durante o processo judicial em junho de 1921.)

O estudo desses eventos e a análise de seu impacto nas atividades da OUN e de outras organizações nacionalistas ucranianas são importantes para compreender a dinâmica e o contexto do movimento nacional ucraniano nas condições do regime soviético repressivo e do Holodomor de 1932-1933.

Este trabalho também tem como objetivo contribuir para uma maior compreensão dos processos históricos e sua memória na sociedade atual, bem como para aprofundar o conhecimento sobre as etapas importantes da história da Ucrânia e seu movimento nacionalista. Os eventos históricos influenciaram a formação da paisagem política, sociocultural e nacional da Ucrânia de hoje.

## **Capítulo 1: Estado da arte: Historiografia das atividades da OUN. Historiografia da pesquisa sobre o Holodomor.**

Segundo o historiador ucraniano e chefe da Associação de Pesquisa do Holodomor na Ucrânia, Vasyl Marochko, até 2013, existiam aproximadamente 18.000 publicações em todo o mundo dedicadas à história da fome de 1932-33 na Ucrânia. De acordo com as suas estimativas, esse número ultrapassou 20.000 publicações em 2018. Poucos eventos na história mundial ao longo das últimas três décadas despertaram tanto interesse dos pesquisadores quanto a fome de 1932-1933 na Ucrânia. A diferença entre esses eventos e a fome em outras regiões da URSS é que a este os cientistas e políticos a chamam de Holodomor ou genocídio.

A tarefa da historiografia consiste em analisar esse alto nível de interesse pela história desses eventos trágicos e requer a sistematização e análise significativa de todo o conjunto de estudos científicos sobre esse tema.

Durante os anos de pesquisa sobre o Holodomor, foi criado um volume significativo de literatura historiográfica, incluindo monografias e dissertações, que também requerem análise e reflexão em matéria da historiografia. Algumas das revisões gerais da literatura científica sobre a história da fome de 1932-33 na Ucrânia foram apresentadas em monografias de autores como: S. Kulchytskyi, V. Marochko, G. Vasylchuk, G. Kasyanov, M. Shytyuk e K. Nazarova. Além disso, artigos historiográficos sobre esse tema foram publicados por cientistas ucranianos, como V. Vasiliev, H. Vasylchuk, L. Hrynevych, V. Golovko, V. Gudz, S. Drovozyuk, Y. Kalakura, H. Kapustyan, S. Kulchytskyi, V. Marochko, V. Saveliev, L. Slobodian, A. Kharchenko, I. Shugalova e outros.

Os historiadores russos, como V. Danilov, M. Ivnytskyi, V. Kondrashin, E. Oskolkov, I. Pavlova, também estudaram o tema da fome na URSS nas suas publicações. Historiadores americanos, como J. Mace, M. Tsarynnik, A.E. Applebaum, pesquisadores canadenses, incluindo O. Andrievska, D. Marples, R. Serbin, F. Sysyn, bem como pesquisadores australianos como R. Moore e L. Melnychuk-Morgan, fizeram uma contribuição significativa para a pesquisa desse tópico. Mesmo fora do mundo de língua inglesa, o investigador francês Peretz também chamou a atenção para esse evento histórico.

No entanto, devido ao rápido influxo de novas publicações e à necessidade de compreender as características desse fluxo, o tema da abordagem historiográfica ao Holodomor ainda permanece insuficientemente estudado. Existe uma discussão ativa entre os cientistas sobre as bases metodológicas e os aspetos conceituais da pesquisa do Holodomor e a compreensão historiográfica das suas tendências e caráter. Cada historiador possui as suas prioridades temáticas



diferentes contextos históricos e em diferentes países, levando em conta os fatores individuais, subjetivos e socioideológicos de cada um.

A maioria das obras historiográficas existentes principalmente revelam aspectos individuais do problema, mas não fornecem uma visão global e sistemática do mesmo.

Nos Estados Unidos, Canadá e nos países europeus, nas primeiras fases da pesquisa historiográfica, os estudos especializados em obras científicas dedicadas ao Holodomor de 1932-1933 na Ucrânia eram praticamente inexistentes. Alguns autores individuais concentraram-se principalmente em artigos jornalísticos, coleções de documentos e materiais de discussão relacionados a esse tópico. É importante observar que após a Segunda Guerra Mundial, a o mundo ocidental estudou os aspectos gerais do regime soviético, mas não se concentrou nos processos sociais na aldeia soviética da década de 1930.

Alguns historiadores emigrados, como Boris Krupnytskyi e Boris Ogloblin, fizeram tentativas de generalizar obras historiográficas, mas também não consideraram a abordagem dos problemas da "coletivização violenta" na literatura soviética. Isso se deveu ao acesso limitado a pesquisas estrangeiras e materiais de arquivo, bem como às restrições de censura que prevaleciam na sociedade soviética.

A primeira revisão da literatura sobre a história dos eventos na Ucrânia em 1932-1933 foi publicada no relatório do trabalho da Comissão sobre a fome no Congresso dos Estados Unidos. Neste relatório, foram distinguidas duas seções, que abordavam o trabalho de cientistas soviéticos e ocidentais sobre o problema do Holodomor. A análise da historiografia realizada pelos membros da comissão abrangeu os estágios iniciais da formação da historiografia da fome na Ucrânia em 1932-33 até meados da década de 1980. Esse período foi caracterizado por incluir principalmente investigações de amadores da diáspora ucraniana. Além disso, o relatório analisou as atividades dos representantes mais famosos dos campos científicos totalitários e revisionistas entre os investigadores dos eventos de 1932-1933 na URSS, como Robert Conquest e seus opositores Robert Davis e Stephen Whitcroft. A comissão reconheceu Robert Conquest como o primeiro cientista que estudou a fome em detalhes e a reconheceu como um terror artificialmente criado pela fome. Por outro lado, os compiladores do relatório avaliaram negativamente os resultados do estudo das transformações agrárias na URSS em 1932-1933 por R. Davis e C. Wheatcroft, acreditando que eles "distorceram" os fatos e "silenciaram" as especificidades da fome na Ucrânia.

No Ocidente, houve uma longa discussão sobre as causas e consequências da fome na URSS em 1932-1933, causada pela publicação do livro "Harvest of Sorrow" de Robert Conquest (1986) e pelo filme com o mesmo nome. Logo depois disso, começaram a aparecer estudos historiográficos sistemáticos sobre o Holodomor no continente americano, particularmente no âmbito dos estudos sobre genocídios mundiais.

Em 1999, o Professor Frank Sysyn assumiu a direção do Centro de Pesquisa da História Ucraniana - Petr Yatsyk no Instituto Canadiense de Estudos Ucranianos da Universidade de Alberta em Edmonton. Ele publicou uma visão geral das conquistas da diáspora ucraniana no estudo e popularização da história do Holodomor, que incluía uma análise historiográfica e uma descrição das atividades organizacionais e de propaganda das associações públicas ucranianas. O trabalho de F. Sysyn também destacou a discussão científica que se desenrolou no Ocidente após a implementação de vários projetos iniciados pela emigração ucraniana, incluindo conferências científicas, filmes, livros e as atividades de comissões e projetos dos Estados Unidos. Portanto, este trabalho do historiador Frank Sysyn refletiu o importante processo de integração do tema do Holodomor da diáspora ucraniana no ambiente científico e espaço de informação ocidentais e ucranianos. Frank Sysyn apresentou pesquisas historiográficas durante a conferência "Contextualização do Holodomor: uma conferência pelo 80º aniversário", que ocorreu em 27 e 28 de setembro de 2013 na Universidade de Toronto. Seu relatório foi incluído na coleção de materiais dessa conferência. Nos seus estudos, Frank Sysyn analisou o impacto dos estudos de Harvard no desenvolvimento da pesquisa sobre o Holodomor, começando com a quebra científica e informacional que ocorreu durante a celebração do cinquentenário dessa tragédia. Ele traçou o início do Projeto Holodomor de Harvard, que envolveu os James Mace e Robert Conquest, e mostrou a grande resposta no mundo às comemorações dessa tragédia, incluindo o livro "Harvest of Sorrow". Frank Sysyn também analisou as reações negativas ao trabalho de R. Conquest por parte de representantes da embaixada soviética e outras pessoas.

Nos seus estudos Frank Sysyn<sup>1</sup> enfatizou que os emigrantes ucranianos preferiram a pesquisa direta sobre a história do Holodomor e deram pouca atenção à análise historiográfica dessas obras. Ele também observou que alguns historiadores ucranianos, como Yaroslav Bilinskyi, escolheram a posição de apoiar a versão genocida do Holodomor sem analisar os argumentos dos revisionistas soviéticos. Ele também apontou a controvérsia entre historiadores ucranianos que apoiaram a versão genocida do Holodomor e historiadores que refutaram essa posição.

Frank Sysyn também chamou a atenção para a crítica das obras de historiadores que consideravam o Holodomor como genocídio por parte de alguns membros do público e historiadores que duvidavam dessa definição dos eventos de 1932-1933 na Ucrânia. Historiadores como S. Kulchytskyi, R. Serbin e outros apoiaram o conceito do Holodomor como genocídio, mas suas obras foram alvo de críticas.

---

<sup>1</sup> Muitas informações sobre esse aspeto são publicadas com frequência nos sites do Congresso dos Ucranianos no Canadá (<https://www.ucc.ca/>) e Ukrainian Canadian Civil Liberties Association (<https://www.uccla.ca/>).

Frank Sysyn enfatizou a complexidade das questões morais relacionadas ao estudo do Holodomor e sua comparação com o Holocausto. Ele também criticou a situação em que alguns historiadores tentam desvalorizar o Holodomor por meio de maior publicidade do Holocausto e pelo uso da memória do Holodomor como um mito nacional. Com base nesses argumentos, Frank Sysyn criticou a posição de alguns historiadores e figuras públicas que se recusaram a reconhecer o Holodomor como genocídio e consideraram isso uma abordagem equivocada para o estudo da história dessa tragédia.

Como autor de um dos primeiros artigos historiográficos sobre este tópico, V. L. Saveliev (Kyiv), observou com razão, os representantes da historiografia estrangeira são de importância primordial no estudo do problema da fome de 1932-1933 na URSS Ucraniana. O autor dividiu toda a literatura científica estrangeira em dois grupos principais, considerando-os como historiografia ucraniana não-soviética e pró-soviética. Essa divisão foi determinada não apenas pela origem étnica dos pesquisadores, mas também pelo fato de que a ciência histórica na emigração ucraniana não tinha apoio institucional estatal e meios para se integrar no espaço científico dos países ocidentais. Os emigrantes ucranianos, como outros imigrantes, preservaram sua identidade e formaram seu próprio ambiente sociocultural, onde a troca de ideias e fatos era limitada. Além disso, a emigração pós-guerra, que consistia principalmente de testemunhas do Holodomor, precisava de tempo para adaptação social, educação em universidades americanas e europeias e assimilação da cultura intelectual e metodológica dos grupos científicos ocidentais. No entanto, nesta seção, não consideramos esses grupos separadamente no período que vai dos anos 1930 até meados dos anos 1980, uma vez que os estudos individuais do Holodomor por intelectuais ocidentais nesse período pareciam principalmente intercalados no fluxo de jornalismo e literatura científica da diáspora ucraniana. Por outro lado, a verdadeira integração da historiografia estrangeira ucraniana sobre a Grande Fome Soviética no contexto histórico mundial ocorreu apenas após 1983. Mais precisamente, J. Mays enfatizou que no período entre as duas guerras mundiais, um papel importante no estudo de tópicos soviéticos (incluindo o Holodomor) foi desempenhado por cientistas da República de Weimar (Alemanha), que faziam parte da revista "Eastern Europe". No entanto, eles não se tornaram um grupo separado especializado no Holodomor, mas se concentraram mais no problema geral União Soviética. Assim, a questão do Holodomor não recebeu a devida atenção naquele período e permaneceu na sombra dos estudos gerais do sistema soviético.

Esses investigadores notaram a gravidade da fome em grande parte do território da Ucrânia, do Baixo Volga, da Sibéria Ocidental e do Cazaquistão, mas a questão do Holodomor não se tornou

objeto de pesquisa científica especializada. Otto Schiller<sup>2</sup>, confirmou os dados, embora sem os detalhes horrendos, o que causou uma indignação por parte do Kremlin.

Foi observado que já na primeira fase cronológica do estudo do Holodomor no Ocidente (1933-1953), a historiografia era importante não apenas para o estudo de fontes, mas também para análise. Uma das primeiras monografias sobre este tópico foi a obra de Vasyl Mudryi<sup>3</sup>, intitulada "Lyhotillya Ukraini"- "Desventuras da Ucrânia". O autor destacou a diferença entre a fome de 1921-1922 na Rússia, que os bolcheviques reconheceram e pediram ajuda, e a fome de 1932-1933, quando o governo comunista causou a fome com suas políticas econômicas e nacionais. V. Mudryi tentou provar que os líderes comunistas em Moscovo deliberadamente criaram uma situação que levou à fome na Ucrânia, a fim de punir e privar os ucranianos de sua identidade nacional. Ele também considerou o papel da coletivização forçada e outras decisões políticas na causa da fome. Nesta monografia, V. Mudryi utilizou materiais de periódicos estrangeiros e depoimentos de testemunhas oculares da fome na Ucrânia.

Outra publicação importante desse período, semelhante em conteúdo ao trabalho de V. Mudryi, foi a monografia de Mykola Kovalevsky<sup>4</sup> intitulada " Ukraine under the red yoke"<sup>5</sup>. O autor também relacionou a política agrária dos bolcheviques com a política nacional, argumentando isso com os discursos dos principais líderes do partido, que justificaram o fracasso dos planos de requisição de grãos com sabotagem e "elementos Petlyur-Kurkul"<sup>6</sup>. De acordo com Kovalevskyi, essas decisões visavam encerrar a confiscação de grãos dos camponeses e reprimir a oposição nacional na Ucrânia. O autor apontou para a superestimação das cotas de aquisição de grãos, repressão contra os camponeses, a prática dos "quadros negros" e outros fatores que levaram à fome.

Além disso, S. Korbut escreveu um panfleto no qual considerava a fome na Ucrânia como resultado da política especial do Kremlin. Ele também se refere a documentos e relatos de testemunhas oculares para apoiar sua conclusão de que a fome foi artificial.

---

<sup>2</sup> Fonzi, P. (2021). "No German Must Starve": The Germans and the Soviet Famines of 1931–1933.

Harvard Ukrainian Studies, 38(1/2), 13–44. <https://www.jstor.org/stable/48694959>

<sup>3</sup> Mudryi, V. (1933) "Лихоліття України." *Lyhotillya Ukraini*". Lviv. [http://resource.history.org.ua/cgi-bin/eiu/history.exe?&I21DBN=ELIB&P21DBN=ELIB&S21STN=1&S21REF=10&S21FMT=elib\\_all&C21COM=S&S21CNR=20&S21P01=0&S21P02=0&S21P03=ID=&S21COLORTERMS=0&S21STR=0014767](http://resource.history.org.ua/cgi-bin/eiu/history.exe?&I21DBN=ELIB&P21DBN=ELIB&S21STN=1&S21REF=10&S21FMT=elib_all&C21COM=S&S21CNR=20&S21P01=0&S21P02=0&S21P03=ID=&S21COLORTERMS=0&S21STR=0014767)

<sup>4</sup> Mykola Kovalevsky foi Líder político, organizador cooperativo e publicista. Em 1917, ele desempenhou um papel de liderança no Partido Ucraniano dos Socialistas Revolucionários e na Associação de Camponeses. Membro da "Central Rada". Em 1919 foi ministro dos Assuntos Agrários. Em 1920 emigrou para Varsóvia e mais tarde para Bucareste.

<sup>5</sup> Kovalevsky, M. (1936) "*Ukraina pid chervonym iarmom*" (Ukraine under the Red Yoke).

<sup>6</sup> Refere-se a *Symon Petliura* e kulaks que eram considerados inimigos e traidores do estado soviético.

Essas publicações representaram uma contribuição importante para a historiografia do Holodomor naquela época e tornaram-se fontes importantes para pesquisas posteriores sobre as causas e consequências dessa tragédia.

## **Capítulo 2: Atividades da OUN no contexto do Holodomor**

### **2.1 Formação da OUN e seus objetivos.**

O início do século XX tornou-se um período de numerosas esperanças, planos e iniciativas entre o povo ucraniano. No entanto, a derrota da luta pela libertação de 1917-1920 levou a um sentimento de desilusão e apatia. A situação deu origem à crença na futilidade de resistência adicional, uma vez que as forças inimigas excediam o potencial militar da Ucrânia, e as circunstâncias internacionais não favoreciam o movimento de libertação ucraniano.

Neste contexto, líderes ucranianos que permaneceram leais à ideia de independência começaram a analisar as razões da derrota e a desenvolver novas estratégias. Os primeiros a criarem novas estruturas de libertação foram oficiais superiores e soldados do exército ucraniano, em particular, fundaram a Organização Militar Ucraniana (OUN) sob a liderança do Coronel Yevhen Konovalts.

A OUN se espalhou rapidamente pelas terras, especialmente sob o controle da Polônia. No processo de resistência, os princípios ideológicos da OUN foram determinados, que exigiam conscientização sobre o propósito da luta. Neste contexto, um papel importante foi desempenhado pelos trabalhos teóricos do líder público Dmytro Dontsov, cujo trabalho refletia os problemas atuais e a busca por uma maneira de fazer renascer a nação ucraniana.

As ideias de nacionalismo, que definiam as visões de Dmytro Dontsov, tornaram-se a base da ideologia da OUN e das subsequentes organizações ucranianas unidas na Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN). No entanto, nem todas as suas ideias foram refletidas na ideologia da OUN, que utilizava o nacionalismo como um meio de mobilizar a nação.

Por essas razões, Dmytro Dontsov começou a desenvolver a ideologia do nacionalismo ucraniano em uma nova fase da existência da nação. Ele baseou seu entendimento do nacionalismo nas ideias dos seus teóricos anteriores, em particular nas ideias de libertação de Taras Shevchenko e Mykola Mikhnovsky. Esses indivíduos contribuíram diretamente para o renascimento político da nação ucraniana. Taras. Shevchenko expressou através da poesia a ideia da necessidade de libertar a Ucrânia. Desenvolvendo-a, Mykola Mikhnovsky elaborou os fundamentos políticos do nacionalismo ucraniano.

Dmytro Dontsov, tomando o slogan de Taras Shevchenko "Na própria casa está a própria verdade, força e vontade"<sup>7</sup> e Mykola Mikhnovsky "Uma, uma, indivisível, livre, independente Ucrânia dos

---

<sup>7</sup> Excerto do poema de Taras Shevchenko "І мертвим, і живим, і ненародженим". "Aos mortos, vivos, e não nascidos". 1845.

Montes Cárpatos ao Cáucaso"<sup>8</sup>, "Ucrânia para os Ucrânianos"<sup>9</sup>, etc., desenvolveu a ideologia do nacionalismo ucraniano no nível de sua compreensão filosófica. Muitos investigadores associam a disseminação das ideias de nacionalismo na década de 1920 com os eventos que ocorreram nas primeiras duas décadas do século XX, especialmente com os acontecimentos da Revolução Ucraniana de 1917-1920. Em particular, a Enciclopédia de Estudos Ucranianos define as razões para o seu surgimento da seguinte forma: "O surgimento do nacionalismo foi uma reação na espiritualidade ucraniana aos eventos após a Primeira Guerra Mundial e às lutas de libertação. O nacionalismo ucraniano surgiu na década de 1920, primeiro como um fermento espiritual da geração mais jovem, como protesto contra o declínio da soberania e a busca por novos caminhos na realidade pós-guerra".<sup>10</sup>

Isso significa que o nacionalismo se tornou uma ideologia salvadora para uma nova geração de ucranianos, um mapa que deveria ajudá-los a conquistar a independência. Essa geração concordava com a opinião de Mikhnovsky de que a razão para o estado de escravidão da nação era a "falta de nacionalismo" (ou seja, consciência nacional, auto-respeito, orgulho, etc.) na sociedade ucraniana. A popularidade do nacionalismo entre os jovens também foi causada pela luta contra as manifestações do comunismo no ambiente ucraniano. O nacionalismo era a antítese do comunismo, o que atraía a geração mais jovem, que buscava combater esse movimento político que escravizava uma grande parte da Ucrânia.

Os eventos mundiais tiveram um impacto significativo no estabelecimento do nacionalismo na Ucrânia. Isso incluiu a crise do sistema parlamentar democrático, a falta de determinação internacional da Liga das Nações, a depressão econômica geral, a ameaça do Estado Soviético e da Alemanha militarizada, a disseminação e fortalecimento do autoritarismo e do totalitarismo, entre outros. Tudo isso levou à confusão, à incerteza sobre o futuro e ao inevitável início de outra guerra mundial. Portanto, houve uma tendência geral de proteger os próprios interesses nacionais, mesmo à custa de outros povos.

O nacionalismo ucraniano como uma ideologia e movimento na década de 1920 foi cristalizado e operou principalmente na Ucrânia Ocidental, mas seus objetivos não se limitavam a territórios ucranianos individuais, abrangendo todos os interesses ucranianos. Em particular, Dmytro Dontsov no livro "Fundamentos da nossa política"<sup>11</sup> observou que a vitória só poderia ser alcançada por meio da unidade nacional, de um sentimento nacional comum. Em "Nacionalismo"<sup>12</sup>, Dmytro Dontsov, escreveu "é uma rebelião contra o egoísmo pessoal e

---

<sup>8</sup> Mikhnovsky, M. (1900). "Independent Ukraine." Lviv, p. 23.

<sup>9</sup> Mikhnovsky desejava uma Ucrânia sem ocupantes e invasores.

<sup>10</sup> Encyclopedia of Ukrainian Studies: In 8 volumes. (1966). Ed. V. Kubiyovych. – Paris–New York+York,. - Vol. 5. - P. 1723.

<sup>11</sup> Dontsov, D.(1957). *Pidstavy nashoi polityky*. Foundations of Our Policy. New York: Dnipro.

<sup>12</sup> Dontsov, D.(1926). *Natsionalizm*. Nationalism. Lviv: Nove Zhyttia.

coletivo." Uma revolta contra uma ideologia que coloca os interesses das classes acima da nação, as minorias nacionais acima das autóctones, os interesses dos sindicatos que unem dois ou três milhões, acima dos interesses de uma nação de quarenta ou cinquenta milhões, até acima dos interesses do estado. O nacionalismo é uma revolta contra a ideologia de atomização, dispersão da sociedade; uma revolta em nome de antigas e eternas verdades - trabalho, disciplina, lei, o culto aos antepassados, ao próprio sangue e à própria terra e suas tradições, a igreja, uma revolta em nome do princípio da organização contra o princípio da desorganização [...] tal movimento nacionalista é uma coisa natural, tem muitos traços comuns na Finlândia e na Ucrânia, na Bélgica e na Itália, na Hungria e na Alemanha, na Espanha, na França e na Áustria [...] Mas este não é um movimento internacionalista. Pelo contrário, seu objetivo é unir a nação contra todas as ideias beligerantes internacionais [...] que desejam destruir tanto a soberania das nações quanto a ideia de patriotismo."

O termo "nacionalismo" foi introduzido no uso político no século XIX, mas, como fenômeno, está inexoravelmente ligado à própria existência das nações. Em diferentes períodos, o nacionalismo de diferentes povos apresentou os slogans mais relevantes para sua época (por exemplo, defesa da fé, democracia, dinastia, etc.), portanto, diferentes eras da ação histórica do nacionalismo recebem os nomes do slogan ideológico daquele momento, sob o qual ocorreu a luta pelos interesses reais dos povos. Portanto, o ideólogo do nacionalismo ucraniano Stepan. Lenkavskyi apontou que "o nacionalismo é a direção voluntária dos desejos políticos do povo ao longo das linhas de seus interesses práticos vitais".<sup>13</sup>

Uma das principais tarefas do nacionalismo, em particular do nacionalismo ucraniano, é, como insistiu Yu. Vassyan, a preparação e implementação do programa de libertação nacional ucraniano e a formação de seu próprio estado nacional.<sup>14</sup> Muitos investigadores chamam o nacionalismo ucraniano de "integral", embora isso provavelmente não seja inteiramente correto. Nas escritas de teóricos do nacionalismo ucraniano, em particular Yu. Vassyan, ocorre uma formulação como esta, mas no sentido de um movimento que abrange toda a nação com sua influência. "O nacionalismo é, na verdade, um caminho", escreve Yu. Vassyan. Considerando isso, ele poderia ser chamado de nacionalismo integral". Nesse sentido, ele não prega a exaltação da sua própria nação e a diminuição de outra nação, ele não faz de uma nação um "ídolo" a ser reverenciado, ele não é uma "rebelião contra a razão".

O famoso historiador americano John Alexander Armstrong, equiparando o nacionalismo ucraniano ao nacionalismo integral<sup>15</sup>, define suas características distintivas que vão além da

---

<sup>13</sup> Lenkavskyi S.(2002).*Ukrainian nationalism*". Edited by Sycha O. – Ivano-Frankivsk. Vol. 1. - P. 103

<sup>14</sup> Vassyan Yu.(1972). Ideological foundations of Ukrainian nationalism. Vassyan Yu. Works. Community philosophical essays. - Toronto. Vol. 1. - P. 121.

<sup>15</sup> Armstrong, J. A. (1963). *Ukrainian nationalism*. Columbia University Press.



classificação geralmente aceita. Ele escreve que o movimento conhecido na ciência americana como "nacionalismo integral" surgiu na Europa Ocidental e muito antes do comunismo (no final do século XIX), adquirindo real significado político. Esse termo foi introduzido por Charles Maurras<sup>16</sup>, um dos adeptos do nacionalismo extremo. O nacionalismo integral não obteve muito apoio nem na França nem em outros países da Europa Ocidental, mas suas variedades se tornaram a força dominante nos países "descontentes" da Europa Central e do Sul na década de 1920. Foi o elemento que preparou a plataforma ideológica para o fascismo de Mussolini e para o nazismo alemão. Sua influência também foi sentida na ideologia de partidos nacionalistas extremos na Polônia, Hungria, Romênia e Jugoslávia. Por esse motivo, o nacionalismo integral, de acordo com a definição de John Armstrong, é um movimento de nações individuais e não uma ideologia universal, e seus adeptos rejeitam programas racionais sistemáticos, por isso é importante definir sua natureza com precisão. "No entanto", de acordo com Armstrong, "as seguintes características comuns chamam a atenção:

1. Crença na nação como o valor mais elevado ao qual todos os outros devem obedecer.
2. Adesão à ideia mística de solidariedade de todos os indivíduos que compõem a nação, e isso geralmente consiste na suposição de que traços biológicos e consequências irreversíveis do desenvolvimento histórico os uniram em um todo orgânico.
3. Subordinação do pensamento racional e analítico às emoções "intuitivamente corretas".
4. Expressão da "vontade nacional" por meio de um líder forte e um grupo de entusiastas nacionalistas organizados em um partido único.
5. A glorificação da guerra e violência como a mais alta expressão da viabilidade biológica da nação".<sup>17</sup>

Armstrong observou as ideias que distinguiram o nacionalismo ucraniano na imagem geral do nacionalismo integral:

1. "A ênfase na força na ideologia era claramente expressa na negação da possibilidade de manter uma oposição aberta ao grupo dominante e na propaganda do terrorismo.
2. Devido ao fato de que o Estado, que poderia ser considerado o apoio da "ideia nacional", não existia, era absolutamente necessário observar a "pureza" absoluta da língua e cultura nacionais.

---

<sup>16</sup> Charles-Marie-Photius Maurras (1868-1952) escritor, poeta e pensador político francês. Maurras defendeu uma visão extremamente nacionalista e conservadora da França. Ele acreditava na supremacia da cultura e da língua francesas e era crítico das influências estrangeiras na sociedade francesa.

<sup>17</sup> Armstrong, J. A. (1963). *Ukrainian nationalism*. Columbia University Press. PP. 119–120

3. A ausência de tradições de Estado, que poderiam apoiar aspirações nacionais por meio de suas instituições e estruturas legais, bem como a oposição aos Estados existentes, levou ao culto da "ilegalidade" em si.
4. Em estreita ligação com os dois pontos anteriores, o irracionalismo específico da ideologia era expresso de forma extremamente romântica, mas isso parecia mais sincero para os ucranianos não corrompidos do que a rejeição cínica do senso comum pelos alemães e italianos.
5. O fracasso dos esforços da geração mais velha, sua tendência a comprometer-se com os "ocupantes" polacos, fortaleceu a tendência natural do nacionalismo integral a depender da juventude e a rejeitar a moderação dos mais velhos.”<sup>18</sup>

Essas ideias se tornaram a ideologia da Academia Nacional de Ensino Superior da Ucrânia e de outras organizações nacionalistas ucranianas influentes, em particular a União da Juventude Nacionalista Ucraniana, o Grupo da Juventude Nacionalista Ucraniana e entre outras. A Organização dos Nacionalistas Ucranianos foi fundada em 1929, unindo várias organizações nacionalistas ucranianas, e proclamou a ideologia do nacionalismo ucraniano como base de sua atividade. A posição estratégica da OUN foi determinada como sendo as eleições do Conselho Estadual Independente Ucraniano (USSD), "não reconhecendo todos aqueles atos internacionais, condições e instituições que criaram e cimentaram o estado de desintegração do estado nacional ucraniano, ao mesmo tempo em que se opõem - a todas as forças, próprias e estrangeiras, que assim fazem."<sup>19</sup> ativamente ou passivamente se opõem às posições dos nacionalistas ucranianos". Ao mesmo tempo, a OUN declarou que buscava uma política conciliatória quanto à criação do estado ucraniano, "esforçando-se para dominar a realidade nacional ucraniana em todas as terras ucranianas". Para conquistar a independência da Ucrânia, a Organização lançou uma luta contra os inimigos da autodeterminação do povo ucraniano por todos os meios possíveis. Isso incluiu: realização de comícios, manifestações, celebrações de datas definidoras da história nacional, discursos na imprensa, bem como a implementação de terror político por meio de assassinatos, pressão violenta sobre figuras anti ucranianas e atos de expropriação. Nessa situação crítica, tais ações da OUN foram forçadas, a maioria dos ucranianos foi deixada por conta própria, "esquecida pelo mundo civilizado", entregue à destruição. Portanto, a nação europeia, a fim de conquistar o direito de sobreviver, teve de forçar os outros a respeitá-la e respeitar seu direito. No entanto, deve-se ter em mente que essa luta da OUN tinha certos limites. Como o autor da monografia fundamentada em Dmytro Dontsov, Kvit,<sup>20</sup> escreve, "o método de luta não é vingança, mas a criação de uma situação diferente. Sem um senso orgânico de justiça, a prática revolucionária da

---

<sup>18</sup> Armstrong, J. A. (1963). *Ukrainian nationalism*. Columbia University Press. PP. 120–121.

<sup>19</sup> OUN in the light of resolutions of Great Meetings and Conferences and other documents on struggle (1929–55). P. 15.

<sup>20</sup> Kvit, S.(2013). *Dmytro Dontsov: ideolohichniy portret*. Lviv.

OUN não teve sucesso [...] O problema era a atitude em relação aos eventos. Se os polacos, húngaros, alemães e russos, cada um em seu próprio tempo, interpretavam a calma que lhes era favorável nas terras ucranianas ocupadas como pacífica, os nacionalistas nunca pararam as hostilidades - eles estavam em estado de guerra por seu próprio estado, pelo futuro de seu povo".<sup>21</sup> Ou seja, as atividades da OUN, baseadas na doutrina cristã, tinham como objetivo conquistar a independência da Ucrânia. Como uma organização de um povo oprimido, a OUN foi forçada a agir com tais métodos na luta pela sobrevivência da nação como uma comunidade.

O filósofo da teoria da nação e do nacionalismo, Vasyl Lisovii, compreende a situação naquela época, apontando que "o nacionalismo de Dontsov é justificado em vista do bem-estar atual, no qual a referência à justiça e à ordem internacional não passava de uma ingenuidade separada".<sup>22</sup> Expressando as necessidades da época, o nacionalismo ucraniano como uma ideologia e movimento ganhou muitos apoiantes, especialmente entre a juventude. Portanto, "o nacionalismo, - escreve Ivan Lysiak-Rudnytskyi, - como um movimento político durante 1929-39, desde a criação da OUN até o início da Segunda Guerra Mundial, cresceu até se tornar a força política mais dinâmica"<sup>23</sup>. O mesmo é afirmado por John Armstrong, indicando que durante a década de 1920, a organização militar ucraniana e a União da Juventude Nacionalista Ucraniana (organizações que criaram a OUN) gradualmente conquistaram quase todas as seções politicamente ativas da Ucrânia Ocidental, exceto os apoiantes de partidos liberais moderados.<sup>24</sup>

Para obter o apoio em massa da comunidade nessas difíceis circunstâncias da existência da nação ucraniana, Dontsov primeiro avaliou as razões da derrota da revolução ucraniana e revisou as prioridades sociais e políticas da época. Ele afirmou que a razão da derrota da revolução ucraniana de 1917-1920 foi a falta de compreensão de sua própria ideia nacional, a falta de uma ideologia nacional estatal entre os líderes da Ucrânia naquela época. É por isso que durante esses anos turbulentos da formação da autonomia ucraniana, a comunidade estava desorganizada e ideologicamente desunida, sem uma visão de uma perspectiva nacional comum. A tese de Ivan Franko de que "tudo o que vai além das fronteiras da nação não é dominante entre as massas ucranianas. Pode ser que um dia chegue o momento da consolidação de uniões internacionais livres para alcançar objetivos internacionais mais elevados. Mas isso só pode acontecer quando todas as competições nacionais forem cumpridas e quando as injustiças nacionais e a escravidão recuarem para a esfera das memórias históricas".<sup>25</sup>

---

<sup>21</sup> Kvit, S. (2013). Dmytro Dontsov: ideolohichniy portret. Lviv. P. 212.

<sup>22</sup> Lisovyi V. (1997). The concept of ideology: the ideology of nationalism – outlook and ideological foundations Ukrainian nationalism. P. 17.

<sup>23</sup> Rudnytskyi I. Nationalism (1991). Essays on the History of New Ukraine. Lviv.- P. 101

<sup>24</sup> Armstrong, J. A. (1963). Ukrainian nationalism. Columbia University Press. PP. 120–121.

<sup>25</sup> Franko I. (1964). Beyond the limits of the possible. Derivation of rights of Ukraine: Documents and materials to history of Ukrainian political thought. New York. P. 150.

Portanto, a ideologia do nacionalismo ucraniano e a própria visão de mundo nacionalista baseavam-se na ideia de servir à nação, realizar os interesses nacionais ucranianos - em primeiro lugar, obter a independência da Ucrânia. "A nação ucraniana, como afirmado na resolução da primeira Grande Assembleia da OUN, é o ponto de partida de toda força e o objetivo de toda direção do nacionalismo ucraniano. A conexão orgânica do nacionalismo com a nação é um fato da ordem natural, e toda compreensão da essência da nação é baseada nisso." Assim, afirmava-se que "o nacionalismo ucraniano é um movimento espiritual e político da nação, nascido da natureza interna da Nação Ucraniana"<sup>26</sup> durante sua luta pela autodeterminação e existência como estado.

A nação foi tomada como base da ideologia nacionalista devido ao fato da sua existência como o tipo mais elevado do desenvolvimento humano, que se revelou mais plenamente no século XX.<sup>27</sup> Foi este século que se tornou a era das nações, quando o fator nacional começou a desempenhar um papel importante, unindo diferentes grupos da mesma etnia em um trabalho conjunto para aumentar a força e a grandeza da comunidade nacional e do estado.

Para o nacionalismo em geral e para o nacionalismo ucraniano em particular, uma constante invariável é o desejo de livre autoexpressão nacional em uma determinada organização política - um estado independente. Portanto, já na resolução da primeira Grande Assembleia da OUN, a criação de um estado soberano foi proclamada como condição necessária para a participação igual da nação ucraniana na comunidade mundial. Sem tal organismo político, a nação está condenada a não criar a história, mas apenas a experienciá-la de forma mais ou menos ativa.<sup>28</sup>

Para alcançar o objetivo estabelecido, de acordo com os postulados do nacionalismo ucraniano, a nação deve ter uma consciência nacional formada, uma vontade nacional e uma ideia nacional. A importância desses componentes no ser de uma nação é enfatizada pelos investigadores da teoria da nação, em particular Olgerd Bochkovsky, que observa: "A consciência é uma característica essencial e principal de uma nação. Graças a ela, o material étnico se cristaliza em um coletivo nacional moderno. Quanto mais ampla e profunda essa consciência se espalha, melhor o coletivo nacional se cristaliza, mais essa ou aquela nação se aproxima do conceito de nação moderna".<sup>29</sup> A vontade nacional (irracional), de acordo com Starosolskyi<sup>30</sup>, é o fundamento de uma nação. Apenas o fator subjetivo - a vontade de ser uma nação, de se perceber como uma nação separada

---

<sup>26</sup> OUN in the light of resolutions of Great Meetings and Conferences and other documents on the struggle (1929–55). P. 3.

<sup>27</sup> Vassyan Yu.(1972). Ideological foundations of Ukrainian nationalism. Vassyan Yu. Works. Community philosophical essays. - Toronto. Vol. 1. - P. 123.

<sup>28</sup> Rebet L. (1997). Theory of the nation. – Lviv. P. 73.

<sup>29</sup> Bochkovsky O. Introduction to ethnology. Munich. P. 164.

<sup>30</sup> Wołodymyr Starosolskiy. Político e ativista público ucraniano, social-democrata, líder do Partido Social-Democrata Ucraniano (1937 a 1939), ministro interino das Relações Externas da República Popular da Ucrânia (1919 a 1920).

- é evidência de sua existência e pertencimento nacional.<sup>31</sup> A ideia, que, segundo o mesmo Starosolskyi, distingue uma nação de uma etnia, desempenha um papel semelhante, pois esta última se baseia na consanguinidade sanguínea.<sup>32</sup> Uma ideia ou ideal coletivo, de acordo com Dontsov, é "transmitida de geração em geração visões sobre a missão mundial da nação e seu papel entre outros povos; visões que são o bem comum da nação, pelo qual ela vive, e cuja perda resultaria em sua morte".<sup>33</sup> Portanto, na ideologia do nacionalismo ucraniano daquela época, entre as principais prioridades, destacavam-se as seguintes: cultivar a vontade de vitória, a fé em sua própria força, despertar a consciência nacional dos ucranianos e, através de ideias irracionais, pois "uma ideia que se tornou um ser, e um ser que deu origem a uma ideia, são os dois principais polos do fenômeno da nação"<sup>34</sup>, aproximar o momento da libertação da Ucrânia.

Para organizar a vontade nacional ucraniana para avançar, fortalecer a consciência da nação com base em sua própria visão nacional do passado, presente e futuro, era necessário, de acordo com os ideólogos do nacionalismo, criar uma elite nacional (liderança da nação). Segundo Dontsov, essas são pessoas capazes de resolver principalmente três coisas: formar os interesses da nação, defendê-los e organizar toda a nação sob os slogans desses interesses. Ou seja, tinha de ser uma minoria ativa que atuaria como o "motor" da nação em direção à sua independência. Posteriormente, essa função foi assumida pela OUN como a estrutura de libertação mais ativa e numerosa.

Ao desenvolver a questão da elite nacional, os ideólogos do nacionalismo ucraniano não ignoraram o papel do indivíduo no movimento nacionalista e na existência da nação. Enfatizando que a nação está acima do indivíduo e que o indivíduo pode se manifestar em relação à comunidade nacional e à sociedade, os ativistas da OUN defendiam a primazia da iniciativa individual, advogavam o desenvolvimento abrangente e harmonioso do indivíduo, não limitado por certos padrões sociais, o que permitiria à comunidade nacional ter um desenvolvimento político e socioeconômico estável.

A ideologia nacionalista naquela época interpretava os conceitos de ética e antiética à sua maneira. Tudo o que contribuía para a sobrevivência da nação e para a criação do estado ucraniano era considerado ético, e tudo o que atrapalhava era considerado antiético. Essa afirmação foi formulada em um momento crucial para a Ucrânia. Ao caracterizar esse postulado de Dontsov, Kvit afirma: "Não podemos negar a ele o direito a um walkie-talkie, pelo menos à luz da fome

---

<sup>31</sup> Bochkovskyi O. (1932). Struggle of peoples for national liberation. Podebrady. P. 217.

<sup>32</sup> Starosolskyi V. (1966). Theory of the nation. - New York. P. 87.

<sup>33</sup> Dontsov D. (1913). The current situation of the nation and our tasks (Abstract, delivered at the Second the All-Ukrainian Congress in July 1913 in Lviv). Lviv. - P. 80.

<sup>34</sup> Rebet L. (1997). Theory of the nation. - Lviv. - P. 172.

posterior. As perdas que o povo suporta não no campo de batalha, não por sua própria liberdade e estado, são inúteis".

A criação de uma ideologia nacionalista coerente, que, em primeiro lugar, tinha um objetivo claramente definido, em segundo lugar, absorvia o desejo do povo ucraniano naquela época de viver uma vida independente, em terceiro lugar, se dirigia ao povo em uma linguagem compreensível e, em quarto lugar, era o sistema de pontos de vista necessário para o então período "fronteiriço", influenciou a formação de uma atmosfera de vingança esperada, despertar nacional e prontidão para os futuros eventos mundiais na Ucrânia Ocidental.

Durante o desenvolvimento dos fundamentos básicos do nacionalismo ucraniano, foi dada considerável atenção à busca de maneiras e princípios para realizar seu objetivo estratégico - a aquisição do Estado Ucraniano Independente. Uma vez que a nação ucraniana estava escravizada e dividida por diversos estados, a condição para a sua libertação era o uso equilibrado de três fatores. Isso envolvia a ativação e o fortalecimento das próprias forças do povo ucraniano, o estabelecimento de relações aliadas com outros povos e países, bem como o aproveitamento da situação internacional oportuna.

Entre eles, o primeiro fator, ao qual foi dada uma importância especial, foi reconhecido como o mais importante. "Por nossas próprias forças", como afirmava o ideólogo do movimento nacionalista Osyp Dyakiv, "entendemos um povo nacionalmente altamente consciente e politicamente altamente desenvolvido, pronto para fazer os maiores sacrifícios", capaz de lutar por sua independência, porque "apenas o povo que lutou por isso conquistou a libertação".<sup>35</sup>

Mykola Mikhnovsky enfatizou a importância de organizar as próprias forças do povo ucraniano já no início dos anos 1900, destacando que "o povo tem o direito de viver apenas quando tem a força para viver." No futuro, essa ideia foi defendida por seus seguidores, que desenvolveram as bases conceituais do nacionalismo ucraniano. Assim, Dmytro Dontsov, Dmytro Myron, Mykola Mykola Stsiborskyi e outros enfatizaram a necessidade primordial de fortalecer as forças organizadas do povo ucraniano.<sup>36</sup>

Os teóricos do nacionalismo ucraniano observaram que a questão ucraniana, que surgiu no início do século XX, ainda era pouco conhecida no mundo nas décadas de 1920 e 1930, e, portanto, poucas pessoas levavam em consideração o fator ucraniano em vários cálculos internacionais. Para chamar a atenção dos sujeitos da política mundial para isso, na opinião deles, era necessário criar uma força organizada de libertação ucraniana. Na realidade, sem fé em suas próprias forças, sem sua organização e fortalecimento, sem travar uma luta determinada pela libertação de seu

---

<sup>35</sup> Dyakiv O. (Gornovy).(1986). Why do we rely on our own strength in our struggle. Dyakiv O. Idea and rank: Coll. works – New York–Toronto–Munich. – P. 89–90.

<sup>36</sup> Dontsov D. (1935).Nationalism. – London–Toronto. P. 297.

próprio país, nenhuma nação no mundo conquistou a liberdade. Como Jozéf Piłsudski<sup>37</sup>, o restaurador do estado polaco, disse no início dos anos 1920, "para que não haja mais vítimas, deve haver mais algumas. Sacrifícios são apropriados, eles são o fim da luta e uma condição para a vitória. Cada uma de nossas gerações deve lembrar com seu próprio sangue que a Polônia está viva e que nunca aceitará o jugo".

Mesmo que seja o mais profundo, mesmo que seja uma rebelião sem perspectivas de sucesso, devemos lembrar à Europa que existimos." Ao mesmo tempo, os nacionalistas ucranianos, em particular os membros da OUN, entendiam que um estado de tamanho e importância como a Ucrânia só poderia surgir em circunstâncias internacionais especiais. Diante disso, a OUN também levou em consideração outros dois fatores: a atitude favorável das forças externas e uma situação internacional favorável. Esses dois fatores eram considerados auxiliares, mas importantes na luta do povo escravizado pela independência. Afinal, os termos das obrigações de aliança, os próprios aliados e a eficácia do uso de uma situação favorável dependem da força de uma determinada nação. O então líder do movimento de libertação nacional ucraniano, Stepan Bandera, observou no período pós-guerra: "Esses fatores são variáveis, instáveis, e podem desempenhar apenas um papel auxiliar, transitório e não decisivo [...] Dar importância decisiva às forças e circunstâncias externas na causa da libertação leva ao seu colapso [...] inibe o desenvolvimento e a mobilização das próprias forças de libertação do povo e enfraquece o espírito de luta. Os fatores externos são orientados por seus próprios objetivos e interesses, e nossa causa, os objetivos de libertação e a luta da Ucrânia em termos práticos, são considerados do ângulo de seus próprios interesses, como um objeto mais ou menos adequado para a implementação de seus próprios planos".<sup>38</sup>

Portanto, a ideologia do nacionalismo ucraniano, como base metodológica do movimento de libertação ucraniano daquele período de luta pela independência do Estado da Ucrânia, abrangia um complexo de questões. Os princípios ideológicos da OUN baseavam-se nos princípios do nacionalismo revolucionário; na criação de personalidades fortes e harmoniosamente desenvolvidas que atuavam em prol da nação; na restauração do estado ucraniano em suas próprias terras étnicas.

---

<sup>37</sup> Piłsudski liderou as forças polacas na luta pela independência durante a Primeira Guerra Mundial. Mais tarde, tornou o chefe de Estado da Polônia recém-independente.

<sup>38</sup> Bandera S.(1998). Prospects of the Ukrainian Revolution. – Drohobych. – pp. 18–19.

## **2.2 Atividades e métodos da OUN.**

As atividades da Organização dos Nacionalistas Ucranianos e sua atitude em relação ao Holodomor na RSS Ucraniana, que ocorreu no início dos anos 1930, são abordadas em considerável detalhe na historiografia moderna. Durante o período de independência do estado ucraniano, surgiram muitas publicações que chamam a atenção para esse problema. Particularmente importante nesse contexto é a análise da questão de como exatamente o Holodomor de 1932-1933 afetou as atividades do movimento nacional ucraniano em geral e da OUN, em particular.

Na historiografia ucraniana contemporânea, as atividades da Organização dos Nacionalistas Ucranianos e sua atitude em relação ao Holodomor na URSS são amplamente abordadas, tanto pelos membros da OUN quanto por intelectuais que estudam essa catástrofe nacional.

Os relatórios dos representantes da diáspora ucraniana, que cobriram detalhadamente as atividades da OUN, são os mais famosos. Em particular, trata-se das obras: "Ensaio sobre a história da Organização dos Nacionalistas Ucranianos" de Petro Mirchuk, "Ação Internacional da OUN" de D. Andrievsky, "A Nação na Luta por sua Existência. 1932-1933 na Ucrânia e na Diáspora" de Marunchak, "Processo de Varsóvia da OUN" de Zynovii Knysh, entre outros. Todos eles analisaram detalhadamente as atividades da OUN e o assassinato político de um representante soviético em Lviv em outubro de 1933, e caracterizaram favoravelmente o ato do jovem nacionalista, interpretando suas ações como uma resposta adequada ao terror e à fome na URSS.

Na historiografia ucraniana moderna, a reação da OUN (Organização dos Nacionalistas Ucranianos) ao Holodomor é revelada nas obras de S. Kostya, S. Butka e Lesya Onyshko. Nas suas pesquisas, os investigadores modernos, com base na análise de documentos da OUN do início da década de 1930, tentaram rastrear o mecanismo de tomada de decisão em relação ao assassinato político e às consequências de tais ações.

Antes de começar a descobrir a reação da OUN ao Holodomor, é necessário identificar as formas de obtenção de informações sobre a fome na URSS e sua fiabilidade. A verdade sobre a propagação da fome em massa na URSS era conhecida pelos próprios ucranianos – a informação chegava através dos fugitivos que tentavam chegar ao Ocidente através da fronteira com a Romênia. Para isso, eles teriam de atravessar o rio Dniestre, que servia como uma fronteira natural. As informações sobre os cidadãos famintos da URSS foram ativamente divulgadas tanto pela imprensa da Galícia<sup>39</sup> quanto pela estrangeira no final de 1932 e início de 1933. Querendo

---

<sup>39</sup> Galícia: região histórico-geográfica da Europa centro-oriental. Fez parte do Império Austro-Húngaro. Atualmente o seu território é dividido e entre a Polônia e a Ucrânia.



obter fatos indiscutíveis da fome na URSS, ucranianos de Volyn atravessaram de forma ilegal a fronteira soviética várias vezes por ordem do governo exilado da República Popular Ucraniana, que operava em Varsóvia. Taras Bulba-Borovets, o futuro organizador do movimento insurgente durante a Segunda Guerra Mundial, foi um desses corajosos.

Outra fonte de informação eram as cartas de parentes da URSS. Eles pediam às vítimas da fome que enviassem pacotes de comida. Tais cartas frequentemente eram impressas na imprensa da Galícia e da diáspora, evitando mencionar os nomes dos autores de tal correspondência, a fim de não expor os desafortunados à repressão pelas autoridades soviéticas.

Uma das fontes fidedignas de informação eram os relatos de jornalistas estrangeiros que conseguiram testemunhar por si mesmos os horrores do terror e da fome no território da URSS. Seus testemunhos se tornaram uma das provas incontestáveis dos crimes contra a humanidade do regime bolchevique na URSS no início da década de 1930.

A tragédia da fome na Ucrânia do Dnipro também não passou despercebida pela imprensa da OUN - "Voz Ucraniana" (que cessou a publicação no final de 1932, devido às prisões de toda a equipe editorial), "Nosso Apelo", "Nosso Front", "A Voz", "Voz da Nação", "Construindo a Nação" e "Antimônio". No artigo de Serhiy Butko, "A reação da OUN à fome de 1932-1933 na Ucrânia: lições para os tempos modernos", o autor concluiu que os nacionalistas acompanharam cuidadosamente a situação nas terras ucranianas dentro da URSS, expondo consistentemente todos os aspetos da escravização do povo ucraniano. Nas suas publicações, eles demonstravam a posição colonial da Ucrânia e os esforços das autoridades bolcheviques para manter os ucranianos na esfera da sua influência por meio do terror e da violência.

Assim, o artigo "'We want an independent Ukraine" de M. Kushnir (pseudônimo Ya. Dub) está incluído em "Building the Nation", no qual o autor analisou com bastante precisão as ações do regime comunista: "Moscou e os seus agentes na Ucrânia estão agora convencidos de que o movimento nacional ucraniano adquiriu dimensões tão amplas e alcançou tal influência entre os trabalhadores e camponeses ucranianos que a política xenófoba anti ucraniana bolchevique já não é suficiente para dominar e derrotar a ideia nacional ucraniana. Assustados com o perigo da explosão da segunda revolução nacional, que os ameaça não apenas com a perda do controle sobre um rico território, mas pode até levar ao declínio da ditadura bolchevique na Europa Oriental, os imperialistas vermelhos de Moscou decidiram evitar eventos e intimidar as massas ucranianas com um terror ainda maior e, exterminando as lideranças do povo ucraniano, enfraquecer o movimento nacional ucraniano".

Tal como se vê na citação acima, figuras proeminentes da OUN, ao analisar a situação sociopolítica naquela época nas terras ucranianas sob o domínio soviético, identificaram claramente as intenções das autoridades soviéticas em estabelecer um controle total sobre a vida

pública na URSS por meio do terror. O assassinato político de Oleksiy Mailov por membro da OUN Mykola Lemyk tornou-se, por um lado, um ato peculiar de vingança e, por outro lado, uma tentativa de chamar a atenção do mundo ocidental para o problema da introdução do totalitarismo estatal na parte oriental da Europa. Isso é evidenciado, em particular, pelas publicações impressas da OUN: a revista "Construindo a Nação" - o órgão do Movimento dos Nacionalistas Ucrânicos (doravante denominado PUN<sup>40</sup>), e a revista de caráter militar-político "Surma", que também era um órgão do PUN.

Analizando a situação na Ucrânia pós-soviética nas páginas de "Construindo a Nação"<sup>41</sup>, o membro da OUN, Doutor. Serhii Volodymyriv, no artigo "The Economic Situation of the Peasants of Ukraine", afirmou: "A aldeia, a classe camponesa, foram elementos que foram explorados anteriormente, durante o tempo da Rússia czarista, mas quase nunca depois da abolição da servidão, essa exploração não assumiu formas e níveis tão intensos como durante a "ditadura do proletariado"".

Ao longo de 1932, os autores e editores de "Construindo a Nação" observaram a deterioração sistemática e radical da situação na aldeia de fazendas coletivas. Assim, Serhii Volodymyriv, no periódico de julho-agosto de 1932, no artigo "A Luta pelo Pão na Ucrânia Soviética"<sup>42</sup>, observou com razão que, juntamente com as medidas de "pressão político-criminal e administrativa sobre os camponeses", a "ordem econômica", ou seja, "os impostos, e pagamentos de vários tipos, quotas, economia forçada", a coletivização em si "simplifica, em termos gerais, a possibilidade de controle governamental sobre os negócios de gêneros". Ele concluiu: "Todas as análises e tabelas fornecidas claramente nos indicam que o Estado está cada vez mais controlando a produção camponesa, suprimindo cada vez mais a vontade dos nossos camponeses de dispor de seus produtos, com mais e mais pressão do aparato de aquisições estatais, está sufocando cada vez mais o campesinato". As citações do doutor Serhii Volodymyriv caracterizam com precisão a política do governo soviético naquele momento - o estabelecimento do controle total sobre uma parte da sociedade ucraniana.

Essa caracterização dos eventos da OUN na Ucrânia pós-soviética foi determinada pela análise de informações vindas de fora da região de Zbruch<sup>43</sup>. Entre outras coisas, essa análise minuciosa da situação social e política na época foi uma ferramenta importante na luta dos nacionalistas contra a disseminação da "doença soviética" e, em particular, das ideias comunistas. Para isso, foram utilizados diversos métodos de luta, incluindo propaganda política e atos terroristas.

---

<sup>40</sup> Provid Ukrainskih Natsionalistiv (em ucraniano). Liderança dos Nacionalistas Ucrânicos.

<sup>41</sup> Em ucraniano: "Rozbudovu natsii". "Розбудови нації."

<sup>42</sup> Em ucraniano: "Borotba za xlib na Radyanski Ukraini". "Боротьба за хліб на Радянській. Україні".

<sup>43</sup> Zbruch - rio na Ucrânia Ocidental, um afluente esquerdo do rio Dniester.

Apesar dos numerosos fatos, as pessoas da OUN, assim como outras forças políticas ucranianas ativas nas terras ocidentais da Ucrânia, não suspeitaram da verdadeira escala do desastre humanitário na República Socialista Soviética da Ucrânia por um bom tempo. A decisão de organizar uma tentativa de assassinato de um representante do consulado da URSS em Lviv foi tomada apenas em junho de 1933 na conferência da OUN em Berlim, quando o Holodomor na URSS já havia atingido seu auge. Na mencionada conferência da OUN, foi discutida também a política do Kremlin, que causou uma fome em massa na Grande Ucrânia. Os participantes da conferência eram membros do PUN, liderados por Yevhen Konovalts, membros do Executivo Regional da OUN (EC OUN), representantes da OUN na Lituânia e em Danzig. Após uma extensa discussão, em 3 de junho de 1933, os participantes da conferência aprovaram uma resolução sobre a organização de uma tentativa de assassinato de um representante do consulado da URSS em Lviv. Vale ressaltar que a proposta de organizar um assassinato político foi apresentada pelo Comitê Central da OUN. Os participantes mais moderados da conferência consideraram apropriado apoiar as ações antissoviéticas de organizações públicas ucranianas legais, cujas ações foram coordenadas pelo Comitê Público Ucraniano para o Salvamento da Ucrânia (UGKRU), criado um pouco mais tarde, no final de julho de 1933.

A decisão da liderança da OUN de assassinar o cônsul soviético foi considerada uma ação puramente política, e não um tipo de ato de violência comum. Isso testemunhou o desejo dos líderes da OUN de chamar a atenção do público mundial para a situação na URSS por meio do terror. Isso é confirmado, em particular, pelos relatórios dos serviços secretos polacos. No verão de 1933, ouviam-se conversas nos círculos dos serviços especiais polacos sobre a preparação da OUN para outra campanha direcionada tanto contra a Polônia quanto contra a URSS.

A tentativa de assassinato do cônsul soviético planejada para o outono não tinha apenas a intenção de chamar a atenção do público mundial para a tragédia dos cidadãos na URSS, mas também de demonstrar a atitude da OUN em relação ao Holodomor e a solidariedade com os irmãos ucranianos. Posteriormente, no julgamento de Lviv, S. Bandera, como chefe do Comitê Central da OUN e o organizador direto da tentativa contra um representante da embaixada soviética, confirmou esse fato. Ele também admitiu que pessoalmente ordenou a M. Lemyk que realizasse a tentativa e "fornecesse a ele motivos e instruções".

A análise das atividades da OUN no início da década de 1930 mostra o uso ativo de métodos de terror político, que se baseavam nas páginas do jornal "Surma" e tinham um caráter político distinto. Em particular, a necessidade da atividade terrorista, que era considerada uma resposta à violência do inimigo. O terror deveria se tornar a arma mais essencial e terrível nas mãos da organização clandestina, e seu último e mais poderoso argumento. Do ponto de vista da OUN, o terror criava uma atmosfera de tensão e instabilidade, impedindo o estabelecimento do poder

inimigo em território estrangeiro e minando a autoridade e o poder do inimigo, e assim apoiando o espírito do povo oprimido. Além disso, os nacionalistas ucranianos usavam o terror revolucionário como um meio de influência ideológica: em ucranianos, especialmente os jovens, forçando-os a pensar politicamente; para o poder ocupante, testemunhando suas intenções de continuar a luta pela independência; perante a opinião pública mundial, demonstrando assim que o povo ucraniano é uma entidade separada em busca da independência.

Em janeiro de 1933 (oficialmente em junho do mesmo ano), Stepan Bandera tornou-se o líder regional da OUN nas terras ucranianas ocidentais (ZUZ)<sup>44</sup>. O novo líder regional da OUN era um fervoroso defensor da ideia de revolução permanente e considerava o terror como o principal meio de agitação. S. Bandera atribuiu grande importância às atividades de combate e estava pessoalmente interessado na preparação de cada ação.

Outra ação antissoviética realizada pela OUN deve ser considerada a organização de uma explosão no escritório editorial do jornal *Pratsia*, que imprimia artigos provocativos anti-OUN, cumprindo uma encomenda política de Moscovo. Os detalhes desse ato antissoviético se tornaram conhecidos durante os julgamentos de membros da OUN em Varsóvia e posteriormente em Lviv. Kateryna Zarytska, membro do grupo de combate e reconhecimento feminino, monitorava o trabalho da gráfica *Pratsia* em nome de Maria Kos. Em 12 de maio de 1934, ela foi ao escritório editorial, supostamente com o objetivo de adquirir uma assinatura de revista. Após preencher todos os documentos, ela pediu à equipe editorial para guardar seu pacote, dizendo que era difícil para ela carregá-lo durante o clima quente. Doze minutos depois que ela saiu, o pacote explodiu.

A política do regime bolchevique no território da então URSS levou a liderança da OUN à propaganda antissoviética e ações de combate. O assassinato de Mailov, chefe do escritório do Consulado Geral da URSS em Lviv, o planejamento de uma tentativa de assassinato contra A. Krushelnyskyi e a organização de uma explosão na revista "*Pratsia*" testemunharam mudanças claras na tática dos nacionalistas em relação ao bolchevismo. Junto com a Polônia, a OUN também considerava a URSS como seu inimigo, como o opressor do povo ucraniano, e, de fato, começou a lutar contra Moscovo não apenas em palavras, mas em ações.

A OUN aprendeu muito bem uma das principais lições do Holodomor de 1932-1933 - a qualquer custo, evitar que os ocupantes requisitassem alimentos da população, o que os invasores usavam como uma forma de terror e subjugação do povo ucraniano. Em particular, as decisões da Segunda Conferência da OUN em abril de 1942 definiram claramente o objetivo da reforma agrária alemã: "espremer o máximo de pão e trabalho possível da Ucrânia."

---

<sup>44</sup> "*Zakhidno-Ukrayins'ki Zemli*" em ucraniano. Western Ukrainian Lands" em inglês. "Terras Ucranianas Ocidentais" em português.

Em fevereiro de 1943, nas resoluções da III conferência da OUN, um dos objetivos da luta pela libertação contra todos os tipos de imperialismo - russo, alemão e outros - foi definido como "a preservação das massas ucranianas e a organização de sua defesa planejada e autodefesa contra o extermínio físico em massa e o saque econômico completo pelos ocupantes". Em agosto de 1943, a menção nos documentos da III Grande Reunião Extraordinária da OUN sobre Mykola Lemyk, que morreu nas mãos dos ocupantes nazis durante a Segunda Guerra Mundial, tornou-se simbólica. O documento destaca: "O eixo de defesa do povo contra o terror da ocupação consistia em dois casos: deportação para a Alemanha para trabalho forçado e saqueio de comida."

Em 1946-1947, o exemplo mais claro de sucesso na consideração das lições do Holodomor de 1932-1933 foi a obstrução das tentativas da OUN clandestina e das unidades da UPA<sup>45</sup> pelas autoridades soviéticas de retirar uma quantidade crítica de alimentos da população e organizar uma fome artificial nas regiões ocidentais da Ucrânia. Assim, após a segunda ocupação pelo regime comunista da região ocidental da Ucrânia, o comando da UPA-Oeste apelou à população com o folheto "Camponeses ucranianos!" O folheto afirmava diretamente: "Lembrem-se da fome de 1932-1933 organizada por Estaline na União Soviética e da fome de 1941-1942 organizada por Hitler em Prykarpattia. Não podemos permitir que isso aconteça novamente este ano!"<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> UPA, ou "Ukrainian Insurgent Army" (Exército Insurgente Ucraniano).

<sup>46</sup> Українські селяни!," Українська Повстанська Армія: Збірник документів за 1942–1950 рр. (Б. м. і в., 1957), ч. 1, 151. *Ukrayins'ki sel'yani! Ukrayinska Povstanska Armiya: Zbirnyk dokumentiv za 1942-1950.*

## **Capítulo 3: O impacto do Holodomor na atividade e na ideologia da OUN**

### **3.1 O impacto do Holodomor no movimento nacional ucraniano.**

O Holodomor que ocorreu na Ucrânia em 1932-1933 teve um impacto significativo na consciência do movimento nacional ucraniano e na identidade nacional. Foi um dos lados trágicos da história da Ucrânia, quando a fome em massa foi o resultado das decisões políticas do regime estalinista destinadas a controlar a agricultura e subjugar a sociedade ucraniana. Desde o estabelecimento do regime soviético o seu objetivo era demonstrar o seu poder e superioridade em relação aos outros países, só que esta era uma tarefa difícil visto que nos primeiros anos da sua existência a URSS estava isolada internacionalmente e não tinha chances de obter financiamentos estrangeiros, por isso aumentar a exportação do trigo poderia ser uma hipótese de enriquecer o país. Era óbvio que os camponeses não iriam entregar as suas terras e meios de produção voluntariamente, por isso foi estabelecido o sistema de coletivização forçada.

Os principais aspetos do impacto do Holodomor na consciência do movimento nacional ucraniano incluem:

- Milhões de ucranianos morreram de fome, o que levou a um grande e prolongado luto para o povo ucraniano. Essa tragédia tornou-se parte da memória coletiva e moldou a consciência de gerações.
- O Holodomor causou mudanças significativas na agricultura e na estrutura social. Os camponeses, que eram a principal parte da sociedade ucraniana, tornaram-se vítimas da fome, o que afetou significativamente as relações sociais.
- O Holodomor foi resultado das decisões políticas do Kremlin destinadas a reprimir a consciência nacional ucraniana e a resistência ao império estalinista. Isso levou ao fortalecimento do movimento nacional ucraniano e ao desejo de libertar a Ucrânia do controle totalitário.
- O Holodomor tornou-se um momento crítico para a formação da unidade nacional. Os ucranianos sentiram a necessidade de se unir para sobreviver e proteger seus interesses diante da tragédia. Isso influenciou a formação da identidade nacional e um senso de dignidade.
- No contexto do movimento nacional ucraniano, o Holodomor tornou-se um evento importante que uniu os ucranianos contra o regime totalitário e contribuiu para a formação da autoconsciência nacional. A tragédia tornou-se um dos elementos do mito e da memória nacional, que continua a influenciar a sociedade ucraniana por meio de sua trajetória histórica.

Diante das práticas opressivas de colheita de grãos, os camponeses recorriam a uma forma comum de resistência, que era esconder seus grãos. Isso envolvia enterrá-los em valas ou ocasionalmente

usar fogões e fornos. Alguns fazendeiros coletivos até ajudavam camponeses a esconder os seus grãos. Enfrentando uma fome generalizada, as pessoas fugiam ilegalmente para cidades ou outras regiões, como a Ucrânia Ocidental, a República Socialista Soviética da Bielorrússia, a Região Central do Mar Negro ou a Romênia.

Relatórios do OGPU<sup>47</sup> da URSS em abril de 1932 destacaram "complicações alimentares" em várias regiões, descrevendo a fome no campo com casos de inchaço devido à fome, inanição e até recorrendo a se alimentar de carniça. Essa situação crítica levou a um aumento na "deserção não organizada", em que os camponeses fugiam em busca de alimentos. Apenas em janeiro de 1932, cerca de 126.720 pessoas se envolveram nessa "saída não organizada", e de janeiro a 20 de maio de 1932, aproximadamente 116.000 pessoas deixaram apenas 21 distritos de forma "não organizada".

A liderança soviética, insatisfeita com a fuga da população da fome, tomou medidas para interromper e reverter essa tendência no final de 1932 e início de 1933. Em 27 de dezembro de 1932, foi implementado um regime de passaporte único, efetivamente proibindo os camponeses de deixar suas aldeias. Posteriormente, em 22 de janeiro de 1933, o OGPU emitiu a diretiva no. 50031<sup>48</sup>, aprovada por Joseph Stalin, restringindo a saída de camponeses das áreas atingidas pela fome. A diretiva exigia o aprisionamento em campos de concentração para "elementos contrarrevolucionários malignos", o retorno dos demais às suas aldeias e a deportação daqueles que se recusassem a retornar para os "assentamentos especiais de Kulaks" no Cazaquistão. No primeiro mês e meio dessa diretiva, quase 220.000 camponeses foram detidos, com mais de 186.000 enviados de volta às suas aldeias famintas.

É importante notar que houve casos de insatisfação aberta entre os camponeses em relação às autoridades soviéticas e à aquisição excessiva de grãos, o que levou à fome generalizada. Sentimentos antissoviéticos e rumores de levantes e da derrubada do governo bolchevique circularam entre a população. Além disso, alguns antecipavam uma guerra envolvendo a URSS contra as potências ocidentais ou o Japão, com a esperança de que isso resultasse na derrubada do regime totalitário soviético.

Em um relatório do Vice-Comissário do Povo da Justiça e Procurador-Geral da RSS da Ucrânia, A. Prykhodko, datado de 31 de maio de 1932, uma série de protestos ocorreram no distrito de Pulinsky, na região de Kiev. Essas manifestações, principalmente organizadas por mulheres exaustas e famintas, envolveram a destruição de produtos e materiais de semeadura, ataques a

---

<sup>47</sup> Direção Política Conjunta do Estado, órgão especial de Segurança do Estado da URSS.

<sup>48</sup> Fonte: Elektronnaya Biblioteka

Istoricheskikh Dokumentov. Diretiva OGPU № 50031 o presechenii massovogo vyezda krest'yan. Ne ranee 22 yanvarya 1933 g. Retirado de: <http://docs.historyrussia.org/ru/nodes/50675-direktiva-ogpu-50031-o-presechenii-massovogo-vyezda-krestyan-ne-ranee-22-yanvarya-1933-g>

membros do partido e exigências de alimentos. Protestos semelhantes ocorreram em outros distritos, como Obolonyansk, Khorolsky, Velikobagachansky e Lokhvytskyi. Na região de Kharkiv, de 5 a 12 de maio de 1932, cerca de 3-4 mil pessoas, predominantemente mulheres, participaram desses eventos, que continuaram durante todo o verão.

Durante essas manifestações, houve casos de camponeses que voluntariamente devolveram o gado das fazendas coletivas. Os camponeses mais pobres simpatizaram com os mais ricos, rotulados como "kurkuls"(kulaks) pelas autoridades soviéticas, que foram deliberadamente privados de seus meios de subsistência, levando a despejos e confisco de propriedades (conhecido como "razukkulvala" (deskulakização)). Em alguns casos, multidões de camponeses defenderam seus vizinhos mais ricos e camponeses de classe média contra ativistas do partido que tentavam impor a desordem.

Uma forma severa de retaliação camponesa contra as políticas de saqueio e inanição do regime soviético envolveu ataques a ativistas do partido, líderes locais, representantes de comitês distritais e professores envolvidos na aquisição de grãos ou representantes do governo bolchevique. O Comissário do Povo da Justiça e Procurador-Geral da RSS da Ucrânia, Vasyl Polyakov, relatava regularmente casos de ataques e assassinatos de membros do partido nas aldeias.

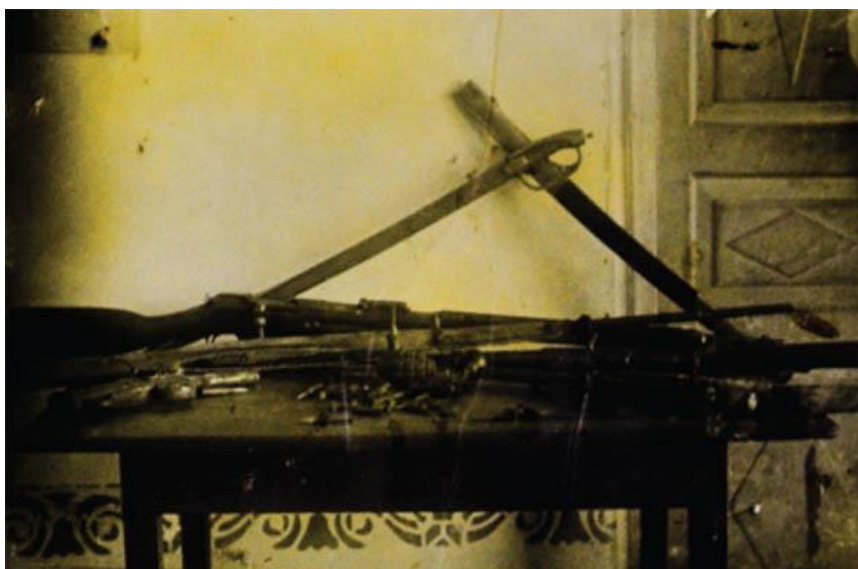
Entre 15 de dezembro de 1931 e 28 de abril de 1932, houve 37 ataques terroristas apenas na região de Vinnytsia, incluindo 8 assassinatos e 26 incêndios criminosos. De 1 de outubro de 1931 a 31 de março de 1932, ocorreram um total de 745 ataques terroristas na URSS, dos quais 325 foram ataques físicos. As autoridades relataram a exposição de "grupos Kurkul e antissoviéticos" durante esse período, o que levou à prisão de 836 indivíduos suspeitos de cometer atos terroristas, incluindo 236 considerados "vagabundos e pessoas ricas". Além disso, 161 atos de terrorismo foram desvendados e 327 pessoas foram presas.

De 1 de janeiro a 15 de julho de 1932, a Ucrânia testemunhou 923 manifestações em massa registradas, o que representou 57% do total de 1.630 manifestações na URSS durante esse período de sete meses. Vale ressaltar que esses números excluem inúmeras "rebeliões" que acompanhavam as saídas das fazendas coletivas. Em julho e agosto de 1932, ocorreram 216 manifestações em massa na URSS, com um número crescente de participantes, incluindo casos de agressões físicas a membros do partido.

Durante o primeiro semestre de 1932, o ODPU da URSS relatou a descoberta de 118 "organizações contrarrevolucionárias Kurkul" com 2.479 participantes, além de 35 grupos e 562 participantes identificados "para a contrarrevolução nacional". Essas organizações foram caracterizadas como tendo um "caráter insurgente" e estavam envolvidas no recrutamento de insurgentes e preparação de rebeliões armadas. Os funcionários do ODPU enfatizaram que a



URSS liderou em manifestações antissoviéticas em massa em 1932, com mais de 1.000 ataques terroristas registrados em aldeias ucranianas. "No campo, de acordo com relatos de camaradas que chegam, algo inédito está acontecendo. Os camponeses estão resistindo de uma forma que é incrível. Um camponês está se recusando a ceder e prefere morrer do que se submeter. L. K. conta um caso em que um camponês, quase desabando de fraqueza, chegou à administração da aldeia e disse: 'Não posso suportar mais, venham cavar uma cova para mim.' Na cova dele havia cinquenta poods de grãos. No dia anterior, sua esposa havia morrido de fome, e seus filhos estavam deitados, inchados. Os camponeses famintos, literalmente inchados de fome, na grande maioria têm grãos enterrados, mas não querem entregá-los e não querem trabalhar. Essa resistência política de uma classe de pequenos proprietários, sem precedentes na história, é uma resistência tão feroz e implacável."<sup>49</sup>



**Figura 1-** Fotografia de armas pertencentes à organização "Vilne Kozatstvo" (Cossacos Livres) e que era mantida por Motlokh Ivan. Fonte: <https://avr.org.ua/viewDoc/21060?locale=en>

Até agosto de 1932, à medida que o regime bolchevique intensificava as ações repressivas e a mortalidade por fome aumentava, a resistência tornava-se mais passiva. Em novembro de 1932, as autoridades soviéticas elaboraram medidas para reprimir a resistência à aquisição de grãos. O Politburo do Comitê Central emitiu uma diretiva secreta em 18 de novembro de 1932, para um plano especial de eliminação de "kulaks e Petlyur"<sup>50</sup>. O plano abrangia 243 distritos da Ucrânia, e até o final de janeiro de 1933, foram efetuadas 36.787 prisões, com um aumento significativo

<sup>49</sup> "Репресовані щоденники" p.18. Diários de sobreviventes do Holodomor.

<sup>50</sup> Nome dado aos ucranianos nacionalistas pelos bolcheviques.

em novembro e dezembro de 1932. Nesse período, foram descobertos 1.200 "grupos Kurkul-Petlyur em fazendas coletivas" acusados de ocultar a exportação de pão para salvar a população faminta. Vsevolod Balytskyi, vice-chefe do ODP, relatou supostas preparações para uma revolta na Ucrânia na primavera de 1933 até o final de dezembro de 1932.

Na fronteira com a Ucrânia e nas regiões circundantes onde ocorreu a fome, eram alternados postos de controle armados. As unidades do NKVD cercaram as estações de comboios e as cidades ucranianas para que os camponeses não tivessem a oportunidade de escapar da morte. Nas cidades, os habitantes recebiam senhas para o pão e conseguiam de alguma forma sobreviver.

Лютій 1931  
Б-1  
Декада II

ХЛІБ  
Хліборозподільник №

Лютій 1931  
Б-1  
Декада II

ХРК  
Листок до записної кн. №  
№ членськ. книжки ХРК  
Прізвище  
Ім'я  
Адреса  
Підпис ХРК або домогосподаря

Ім'я  
ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 4

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 5

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 6

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 7

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 8

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 9

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 10

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 1

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 2

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 3

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 4

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 5

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 6

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 7

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 8

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 9

ХРК  
Запасний  
ЛЮТИЙ  
Б-1 № 10

**Figura 2-** Senha para o pão. Kherson. Fevereiro de 1931. Fonte: *Derzhavna arkhivna sluzhba Ukrainy*. Disponível em: [https://old.archives.gov.ua/Archives/Reestr/Konstanty\\_Herson.pdf](https://old.archives.gov.ua/Archives/Reestr/Konstanty_Herson.pdf)

### **3.2 O assassinato de Oleksiy Mailov, como um ato de vingança pelo Holodomor.**

Em 21 de outubro de 1933, em Lviv, o estudante de 18 anos Mykola Lemyk matou Oleksiy Mailov, um funcionário do consulado da URSS, com dois tiros na cabeça e no coração. Mykola Lemyk realizou o assassinato (um homicídio politicamente motivado) como um ato de protesto contra o Holodomor organizado pelas autoridades soviéticas na RSS da Ucrânia. Esse ato de vingança ficou conhecido na história como "um tiro em defesa de milhões".<sup>51</sup>

O próprio processo de seleção de um candidato para um atentado é interessante. Para encontrar uma pessoa para realizar o plano de assassinato, a liderança da OUN enviou um apelo aos membros com o seguinte conteúdo: "Quem quiser se voluntariar para realizar uma tarefa perigosa deve escrever para a Politécnica de Lviv, em nome de K. Brudas"<sup>52</sup>. Não existem dados exatos sobre quantas pessoas se voluntariaram para realizar a ação, no entanto, sabe-se que 75% dos militantes entrevistados concordaram em fazê-lo. Os organizadores escolheram Mykola Lemyk, para realizar o assassinato<sup>53</sup>. Mykola Lemyk nasceu na região de Lviv em 1915. Era um homem extremamente bonito, alto, loiro de olhos azuis. Obteve uma boa educação, formando-se com honras e distinção no Lviv Academic Gymnasium.

O mecanismo de preparação do atentado não foi completamente esclarecido até os dias de hoje. Os detalhes sobre a organização do atentado, que são apresentados de maneira diferente por diferentes pesquisadores da OUN, levantam muitas questões. Em particular, Petro Mirchuk acreditava que a preparação do atentado foi desenvolvida em conjunto por Stepan Bandera e Roman Shukhevych<sup>54</sup>. Por sua vez, Zinovii Knysh afirmava que durante o verão e outono de 1933, o cargo de oficial de combate era ocupado por Bohdan Pidgainy, que estava envolvido na preparação direta para o atentado.<sup>55</sup>

Para realizar com sucesso a tentativa, Roman Myhal, chefe do escritório de referência de inteligência e combate da OUN, organizou uma vigilância detalhada da embaixada da URSS em agosto de 1933. Para isso, ele foi auxiliado pelos membros do grupo de inteligência e combate feminino da OUN, sob a liderança de Maria Kos. Vale ressaltar que os executivos regionais (departamentos) tinham a tarefa de organizar grupos de combate separados, compostos por cinco ou três membros, que deveriam atuar de forma autônoma e cumprir as tarefas atribuídas a eles. Já

---

<sup>51</sup> Volodymyr Birchak, 21 de outubro de 2018, "Убити одного, щоб врятувати мільйони. Атака Миколи Лемика" *Istoriczna Pravda*, <https://www.istpravda.com.ua/articles/2018/10/21/153118/>.

<sup>52</sup> The Central State Historical Archive of Ukraine, Lviv (hereinafter - Central State Historical Archive of Ukraine Lviv).

<sup>53</sup> Parrot, A. *Western Ukraine and the Holodomor of 1932–1933*, 79

<sup>54</sup> Mirchuk, P. (1970). *Roman Shukhevich (General Taras Chuprinka) Commander of the Army of the Immortals*. Publishing House of the Associations of Former UPA Soldiers in the ZSA, Canada and Europe.

<sup>55</sup> Knysh, Z. *The Warsaw Process of the OUN* (Vol. 2, p. 160).

no início de 1932, foi criado um grupo de cinco de combate e reconhecimento feminino, que incluía: Vera Svientsytska, Kateryna Zarytska, Daria Hnatkivska e Halyna Nedzvetska. Sua supervisora era Maria Kos. As mulheres coletavam informações sobre o horário de funcionamento do consulado, o número de visitantes e monitoravam os movimentos dos funcionários. Bohdan Pidhainy, transmitia as informações que obtinha sobre o regime de trabalho do consulado soviético e até mesmo o layout das instalações para Stepan Bandera, que, por sua vez, as usava para instruir Lemyk.

Sua candidatura foi selecionada no final do verão de 1933. Essa escolha foi determinada não apenas pela juventude e determinação do jovem, mas também pela sua origem camponesa. Em suas memórias sobre M. Lemyk, o Professor Oleksa Horbach escreveu: "A liderança da OUN previu que a propaganda bolchevique asseguraria que o assassino pertencesse aos membros da OUN", então ele escolheu deliberadamente um nativo de camponeses pobres como o assassino".

De acordo com o testemunho de Stepan Bandera, que mais tarde afirmou durante o julgamento em Lviv que ele mesmo se encontrou pessoalmente com o futuro autor do assassinato político e acreditava que esse jovem era capaz de cometer tal ato como um sinal de protesto contra o terror causado pela fome. Mykola Lemyk afirmou durante o julgamento que, durante a preparação para o assassinato, ele se encontrou quatro vezes com um homem chamado Xaverii Brudas. O primeiro encontro teve caráter introdutório, a fim de avaliar a prontidão do jovem para uma tarefa tão importante. Uma semana depois, K. Brudas entregou a Lemyk uma pistola com munição para que o jovem pudesse praticar o tiro. Durante um encontro em 20 de outubro de 1933, perto do túmulo de Ivan Franko no cemitério Lychakivskyi, Brudas revelou o propósito da ação iminente: o assassinato do cônsul como resposta ao Holodomor. Este último também deu a Mykola Lemyk 30 zlotys para que ele pudesse comprar roupas para si mesmo no caso de prisão e procedimentos judiciais subsequentes. Lemyk provinha de uma família humilde e o seu calçado já estava tão desgastado que seria vergonhoso para a organização permitir que ele fosse detido com aquele aspeto. Ele próprio reparou nessa questão e não queria que isso fosse motivo de piada para os seus inimigos. Mykola Lemyk passou a noite antes da tentativa de assassinato de 20 a 21 de outubro de 1933 no hotel Narodna Gostynnytsia. No dia seguinte, ele se encontrou novamente com Brudas perto da Igreja de Maria Madalena, que informou a M. Lemyk que a tentativa de assassinato estava planejada para as 11:00 da manhã.

Mykola Lemyk marcou um encontro no consulado da URSS, na rua de Kotlyarevskyi em Lviv, com a utilizando a desculpa de que supostamente queria se mudar para a União Soviética. Em 21 de outubro de 1933, por volta das 11h30, M. Lemyk entrou no consulado soviético em Lviv. Após se registrar no livro de visitantes com o apelido fictício "Dubenko", ele foi conduzido à recepção do consulado. Um oficial do NKVD, o chefe do escritório do consulado, Oleksiy Mailov, apareceu

no local de trabalho do funcionário. Mailov chegou a Lviv apenas três semanas antes do assassinato. Ele tinha 23 anos na época de sua morte. Ele era secretário do Consulado da URSS em Lviv e representante plenipotenciário de Estaline para controlar as instituições diplomáticas da URSS em território polaco.

Após ouvir o apelo, ele pediu para ver os documentos. Em vez disso, M. Lemyk habilmente retirou uma pistola "Ortgis" do bolso e matou Mailov com dois tiros, com as palavras: "Isto é para você, da Organização dos Nacionalistas Ucranianos - pelo tormento e morte de nossos irmãos e irmãs, pela fome na Ucrânia, por todos os abusos..."

Conforme a investigação posterior mostrou, ambos os tiros foram fatais. Mykola Lemyk saiu do escritório em direção à sala de recepção e viu outro funcionário do consulado, Ivan Dzugai, que estava fechando a porta. Um terceiro tiro ecoou, ferindo Ivan Dzugai. Mais tarde, durante o julgamento, Mykola Lemyk testemunhou que não se lembrava do terceiro tiro, pois estava em estado de choque. Ele também não se lembrava do fato de que tentou sair das dependências do consulado, porque recebeu uma ordem dos organizadores da tentativa para esperar ali e se entregar à polícia polaca. Em breve, vários policiais chegaram às instalações do consulado e detiveram o jovem, que não apresentou resistência segundo o plano, e calmamente forneceu seu nome e afirmou que estava seguindo as ordens da OUN. O alvo real Mikhail Golub também estava dentro do edifício, logo que ouviu os tiros ele escondeu-se e só saiu quando a polícia chegou.



**Figura 3-** Ferido Ivan Dzugai acusa Mykola Lemyk durante o depoimento. Fonte: Fonte: Archiwa Państwowe. Narodowe Archiwum Cyfrowe: NAC. Arquivo Estatal da Polónia. Disponível em: <https://audiovis.nac.gov.pl/obraz/171841/>

O julgamento do executor do assassinato ocorreu em 30 de outubro de 1933 e atraiu a atenção da comunidade internacional. Estiveram presentes o cônsul romeno, representantes da embaixada soviética, jornalistas de publicações importantes e representantes da TASS<sup>56</sup>. Eram tantos interessados que foi necessário adicionar cadeiras à sala do julgamento. A maioria dos advogados ucranianos em Lviv ofereceu seus serviços a Mykola Lemyk. Além de Stepan Shukhevych, o advogado permanente da OUN, Stepan Bilyak, Lev Hankevich e Volodymyr Starosolskyi da UNDO<sup>57</sup>, e Osyp Nazaruk da UNO<sup>58</sup> forneceram consultoria jurídica.

Os defensores do réu enfatizaram o fato de que a afiliação de Mykola Lemyk a qualquer organização não desempenha um papel neste processo, porque "os 40 milhões de ucranianos, independentemente de partidos e grupos políticos, consideram o ato de Mykola Lemyk - sem julgar suas qualificações legais - como resultado do processo espontâneo de toda a nação ucraniana contra a destruição sem precedentes de suas bases de vida pelo Komintern de Moscovo."<sup>59</sup>



**Figura 4-** Mykola Lemyk durante o julgamento. Fonte: Archiwa Państwowe. Narodowe Archiwum Cyfrowe: NAC. Arquivo Estatal da Polónia. Disponível em: <https://audiovis.nac.gov.pl/obraz/171840:1/>

O juiz fez todos os esforços para evitar que o processo se transformasse em uma ação antissoviética. Todos os esforços dos advogados de Shukhevych e V. Starosolskyi para chamar a

---

<sup>56</sup> Agência estatal de notícias russa.

<sup>57</sup> *Ukrain's'ke natsional'no-demokratychnne ob'yednannia* em ucraniano. "União Nacional-Democrática Ucraniana" em português. "Ukrainian National Democratic Union". em inglês.

<sup>58</sup> *Ukrayinske Natsionalne Ob'yednannia* em ucraniano. "União Nacional Ucraniana" em português. "Ukrainian National Union" em inglês.

<sup>59</sup> Центральний державний історичний архів України, м. Львів. "Central State Historical Archive of Ukraine in Lviv."

atenção dos presentes para as repressões e mortes em massa no território da URSS, a fim de que as ações do jovem membro da OUN fossem compreensíveis, não tiveram um sucesso significativo. O juiz não permitiu que o caso fosse considerado a partir de um ângulo político e evitou a questão dos motivos do assassinato para evitar discutir a situação nos territórios afetados pela fome na URSS. É óbvio que o juiz agiu de acordo com as instruções da sua liderança para não fornecer argumentos adicionais ao lado soviético, porque mesmo sem eles, Moscovo acusou as autoridades polacas de organizar esse assassinato.<sup>60</sup> Por exemplo, em seus comentários, diplomatas soviéticos atribuíram considerável culpa pelo assassinato às autoridades polacas, que, segundo eles, estavam, sem dúvida, por trás do atentado. Durante o julgamento, que durou apenas um dia, em 30 de outubro de 1933, Mykola Lemyk foi condenado à pena de morte; no entanto, devido à jovem idade do réu, a pena de morte foi comutada para prisão perpétua.

No mesmo dia, 30 de outubro de 1933, os estudantes ucranianos organizaram uma grande manifestação junto do local do julgamento. Para evitar distúrbios na área, a polícia recorreu ao uso a força. Durante os confrontos, um participante da ação, Ivan Ravlyk, foi ferido, e uma rapariga polaca, que se tornou uma testemunha involuntária dos eventos, também morreu acidentalmente. Buscas e prisões foram realizadas em conexão com a manifestação. Posteriormente, o Ministro do Interior da Polónia, Bronisław Pieratski, foi obrigado a justificar publicamente tais ações da polícia.

Além da tentativa contra o cônsul da URSS, o executivo da OUN também planejou o assassinato de Antin Krushelnytskyi, um conhecido simpatizante da ideologia soviética na Ucrânia Ocidental. Os detalhes dessa tentativa foram esclarecidos após a prisão de Bohdan Pidgayny, que, sob as instruções de Stepan Bandera, deveria organizar esse assassinato. De acordo com o plano desenvolvido, a tentativa de assassinato em A. Krushelnytskyi deveria apenas aumentar o efeito do assassinato do representante direto da URSS. Essa versão é confirmada pelo horário programado de ambas as ações. A tentativa contra o cônsul estava planejada para o sábado, 21 de outubro de 1933, por volta das 11h00, e contra A. Krushelnytskyi - por volta das 18h00. No entanto, no último momento, o plano foi abandonado. "Quando descobri que A. Krushelnytskyi deveria ir para a Ucrânia Oriental, revoguei a ordem, antecipando que ele teria exatamente o tipo de carreira que ele teve lá", <sup>61</sup>testemunhou mais tarde Stepan Bandera.

O assassinato de um funcionário do consulado da URSS na Polónia tornou-se publicamente discutido. A imprensa ucraniana na época descreveu ativamente os detalhes da tentativa, falando favoravelmente do autor. Essa unanimidade entre o público ucraniano testemunhou a percepção

---

<sup>60</sup> Шухевич, С. (1991). Моє життя. Спогади. Українська видавнича спілка в Лондоні. 479. Shukhevych S. (1991), My Life. Memories, Publication Ukrainian publishing associations, London, 479.

<sup>61</sup> Центральний державний історичний архів України, м. Львів. "Central State Historical Archive of Ukraine in Lviv." Fundo 359, opis 1, sprava 365, arka 2.

positiva dos métodos radicais da OUN na questão da vingança contra Moscovo pela tragédia do outro lado do Zbruch<sup>62</sup>. Em suas investigações, o pesquisador M. Marunchak chamou 1933 de "ano conciliar na história do povo ucraniano", enfatizando a unanimidade dos ucranianos da Ucrânia Ocidental em sua atitude em relação à fome na RSS Ucraniana.

No entanto, os resultados do assassinato político não devem ser exagerados. Parece bastante óbvio que, apesar da intenção de mostrar solidariedade aos ucranianos no leste da Ucrânia, os representantes da jovem liderança da OUN na região buscaram provar seu sacrifício não apenas por palavras, mas também por ações. A informação sobre a fome, e mais precisamente a reação a ela, permitiu aos nacionalistas demonstrar tanto seu ódio ao bolchevismo russo como inimigo da Ucrânia, quanto seu amor por ela da mesma forma. Entre outras coisas, o assassinato do cônsul soviético foi uma consequência da introdução do conceito de revolução permanente, que foi consistentemente sustentado em seus trabalhos por um dos líderes da OUN, Mykola Kapustyanskyi, e Stepan Bandera, como chefe da OUN na região, encarnou esse conceito na prática.

O objetivo perseguido pela OUN, ao organizar um assassinato político, foi alcançado. A opinião pública mundial começou a prestar uma atenção mais próxima aos eventos no território da URSS. O assassinato do representante do regime comunista, Mailov, ainda é considerado o ato de protesto mais audacioso contra a política totalitária de Moscovo. O ato de retribuição política testemunhou a solidariedade dos ucranianos da Ucrânia Ocidental com os ucranianos da região de Transnistria. Ao mesmo tempo, a informação sobre o terror pela fome e as repressões em massa na URSS ajudou o público a entender a essência do bolchevismo e a conhecer seu espírito anti ucraniano.

Na prisão, de acordo com o testemunho de seu colega de cela Petro Duzhyi, Mykola Lemyk era mantido algemado o tempo todo. Para Petro Duzhyi que também foi membro da OUN este encontro solidificou definitivamente a sua visão do mundo, e seu desejo de lutar pela independência da Ucrânia. Segundo os relatos do seu colega Mykola permanecia otimista mesmo estando preso. Mykola conseguiu escapar durante a transferência de uma para outra prisão em 1939. Lemyk foi ferido durante a fuga, mas conseguiu recuperar. Durante alguns anos permaneceu brando, mas passado alguns anos encontrou em contacto com membros da OUN novamente. A sua vida teve um fim trágico apenas com 27 anos, foi assassinado pela Gestapo. A sua mulher, em sua homenagem continuou a sua missão, trabalhando numa estação de rádio secreta que difundia informação sobre as atividades da OUN e UPA em vários idiomas.

---

<sup>62</sup> Rio ucraniano que atravessa a Galícia e Volínia, antes de desaguar no rio Dniestre.



### **3.3 Reflexo do Holodomor na ideologia da OUN e em suas publicações**

Os publicitários da OUN também se preocuparam em divulgar amplamente nas páginas de revistas legais materiais organizacionais que revelassem os princípios básicos das atividades da organização, indicando maneiras de resolver problemas relacionados ao funcionamento da sociedade ucraniana de acordo com a doutrina nacionalista. Encontramos especialmente muitos desses materiais em revistas controladas pela OUN. Por exemplo, o jornal "Dniprova hvyla" de Kremenchug publicou um longo artigo de I. Kostetsky, no qual a essência e as razões para o surgimento do nacionalismo ucraniano foram explicadas em um nível popular e de propaganda: "O nacionalismo ucraniano foi uma conclusão corajosa inevitável dos sentimentos e pensamentos dos melhores filhos da terra, uma conclusão que surgiu a partir do problema premente de construir o próprio destino com as próprias mãos, de um desejo incontrolável de unificação - e de um desejo de conquistar o direito ao respeito das outras nações vizinhas." Outros artigos destacaram as bases filosóficas do nacionalismo ucraniano, a atitude dos membros da OUN em relação à questão da terra, à educação da juventude, etc. Esses materiais refletiam as posições ideológicas iniciais da OUN, das quais ela logo foi forçada a abandonar a maioria.

Jornais individuais reimprimiram folhetos da OUN com apelos para criar seu próprio exército ucraniano, que, em aliança com o exército alemão, destruiria o bolchevismo para sempre. Assim, o jornal "Vilne slovo", dirigindo-se a todos os ucranianos, instava-os a abordar esse assunto com responsabilidade, porque o povo ucraniano só poderá lutar por sua liberdade com armas nas mãos: "O poderoso exército alemão aliado expulsou a horda bolchevique, é nosso dever acabar com ela. É necessário se juntar às fileiras do exército ucraniano e lutar até a morte, para libertar toda a Ucrânia. O povo ucraniano não pode viver sob os bolcheviques. A vontade deve ser conquistada. A hora chegou. Todos devem pensar que têm uma fortuna de milhões, que devem responder pelo destino de milhões. A hora chegou de organizar o exército ucraniano. Acreditamos firmemente que todos nós capazes de empunhar armas nos juntaremos às suas fileiras."

Refletindo o clima geral que prevaleceu entre a população dos territórios da Ucrânia ocidental, que recebeu a Alemanha como libertadora do domínio bolchevique, os jornais imprimiram numerosos cumprimentos ao exército alemão, assegurando sua lealdade às autoridades ocupantes. Ao mesmo tempo, cada um dos jornais enfatizava constantemente que apenas o povo ucraniano pode ser senhor em terra ucraniana. Protestando contra o domínio moscovita-bolchevique, a OUN deixou claro que percebia a ocupação da Ucrânia pelas tropas alemãs exclusivamente como um fenômeno temporário: "Abaixo o domínio estrangeiro Moscovo! Viva a independência do povo

ucraniano! Fora com o poder estrangeiro na Ucrânia! Viva o poder do povo ucraniano na Ucrânia! Ucrânia para os ucranianos!".

A intervenção das autoridades alemãs mudou radicalmente o tema, o foco das revistas. Símbolos ucranianos e atributos da OUN desapareceram das colunas dos jornais. A publicação de artigos que tratavam da perseguição do estado aos ucranianos na fase atual, bem como da luta histórica do povo ucraniano pela independência, foi interrompida. Em vez de apelos para melhorar o trabalho da administração ucraniana e criar sua própria vida estatal, os jornais imprimiam ordens e decretos do novo governo, que na maioria das vezes se relacionavam com a rendição de contingentes, recrutamento de mão de obra para a Alemanha, estabelecimento de toque de recolher, etc. O volume dos jornais foi significativamente reduzido, e seu conteúdo se resumia principalmente à parte informativa.

A proibição de escrever sobre tópicos relevantes para os ucranianos forçou os publicistas da OUN a desenvolver ativamente os chamados tópicos "permitidos", entre os quais temas históricos, culturais e anti russos continuaram sendo os mais populares. Os artigos históricos eram escritos de maneira extremamente emocional e continham material educacional rico. Voltando-se para as páginas gloriosas da história ucraniana, os publicistas tentavam despertar nos representantes da nação ucraniana um sentimento de orgulho nacional suprimido pelo longo aprisionamento, um desejo de se tornar uma nação politicamente completa. Esses eram artigos dedicados à memória dos heróis, à organização da Ordem de Novembro, às atividades de Olga Basarab, aos feitos dos membros da OUN Bilas e Danylyshyn, etc. O artigo "O Feriado Verde da Imortalidade", publicado na revista "Caminho Nosso"<sup>63</sup>, falava sobre o ato heróico da juventude ucraniana na Transcarpátia. Expressando sua admiração pela ação dos Sichovyks<sup>64</sup>, o autor escreveu: "Os Sichovyks dos Cárpatos, cujas fileiras incluíam jovens de todas as terras ucranianas, provaram a força de seu desejo com sangue. Polyag Kolodzinsky, Gatsynets, Blestiv e Kossak, centenas de jovens e prósperos camponeses corajosos, e dos túmulos acima do Tisza<sup>65</sup> cresceu uma nova e lenda heróica."

Na tentativa de proteger as massas do leste da Ucrânia de influências pró-soviéticas, a OUN publicou muitos artigos sobre temas anti bolcheviques. Lembrando aos leitores o Holodomor de 1932-1933, as execuções da *intelligentsia* ucraniana, a russificação forçada e a sovietação da sociedade ucraniana, os autores das publicações expuseram a natureza antipopular, reacionária e criminosa do sistema bolchevique. Assim, enfatizando o estabelecimento ilegítimo do poder

---

<sup>63</sup> Revista da OUN "Nash shliakh". <https://ounuis.info/library/newspapers/632/nash-shliakh.html>

<sup>64</sup> Movimento militar e patriótico que se formou na Ucrânia no final do século XIX, principalmente entre 1917 e 1921, durante a Primeira Guerra Mundial e a Guerra Civil Ucraniana. Este movimento surgiu no contexto do Exército Insurgente Ucraniano (UPA) e foi organizado para defender a independência nacional ucraniana.

<sup>65</sup> Rio que nasce nos Cárpatos.

soviético nas terras ucranianas e destacando a hostilidade do regime bolchevique em relação aos ucranianos, o jornal Trizub escreveu: "[...] Moscovo, invariável e consistente em sua ação criminosa, é a inimiga eterna da Ucrânia, da Europa, da ordem, da cultura."

Relatos das atrocidades bolcheviques em prisões em Lviv, Sambor, Lutsk, Rivne, Chortkov, Stanislavov e outras cidades da Ucrânia Ocidental compunham o maior grupo temático de materiais antissoviéticos. Os jornais publicavam listas das vítimas nas mãos dos trabalhadores do NKVD, descreviam cenas horríveis diante da população indefesa e imprimiam depoimentos de testemunhas que miraculosamente sobreviveram.

Na expansão desse tópico, detalhava-se a destruição em massa de propriedades estatais e públicas às quais os bolcheviques recorreram enquanto recuavam: fábricas, usinas, minas de petróleo e gás, edifícios públicos, igrejas, etc. Muitos artigos ridicularizavam a maneira bolchevique de administrar a agricultura, condenavam a negligência criminosa dos líderes das fazendas coletivas, que davam ordens para arar o solo congelado ou colher o centeio verde apenas para relatar a tempo às autoridades superiores a conclusão do trabalho de campo, condenando assim os camponeses à escassez e à fome.

Tópicos culturais e artísticos foram amplamente desenvolvidos nas páginas da imprensa legal. Aqui, encontramos inúmeras biografias de figuras proeminentes ucranianas, artigos sobre o desenvolvimento da vida cultural ucraniana, estudos literários, estudos sobre a história do teatro, música, pintura, publicações populares de ciência sobre medicina, geografia, etnografia, etc. Os autores que representavam o ambiente nacionalista tentavam abordar essas questões de uma perspectiva independente do estado, escolhendo tópicos e problemas que revelavam a confrontação com os ocupantes no plano espiritual. Por exemplo, a Dniprovsk Gazeta, um órgão da administração da cidade de Dnipropetrovsk, que estava sob influência da OUN, relatou que os funcionários do museu histórico da cidade estavam a preparar uma grande exposição com antiguidades coletadas pelo famoso historiador Dmytro Yavornytskyi, cujo legado científico foi desvalorizado pelos bolcheviques. O mesmo jornal regularmente publicava artigos sobre cientistas e figuras culturais ucranianas famosas que foram declaradas inimigas do povo durante a era soviética (M. Hrushevskyi, O. Olesya, S. Rudnytskyi, etc.)



**Figura 5-** Capa do livro de Vasyl Kuk. Kolhospne rabstvo. (1950). (Escravidão nas Fazendas Coletivas.)

Os artigos de O. Dyakov eram dedicados ao tema anti coletivização - "O Ataque dos Nobres Estalinistas aos Trabalhadores de Fazendas Coletivas (1947)" de Vasyl Kuk - "Escravidão nas Fazendas Coletivas" (1950). Nestas obras, com base em cálculos econômicos, dados estatísticos e relatos de testemunhas oculares, os autores explicaram o princípio predatório de funcionamento das fazendas coletivas estalinistas, em que a maior parte da propriedade obtida pelas fazendas coletivas caía nas mãos dos líderes do partido, enfatizaram a falta de direitos dos camponeses coletivos, o baixo nível de pagamento pelo seu trabalho e a insuficiente provisão das necessidades espirituais e intelectuais dos camponeses. Os ideólogos da OUN também observaram que, ao introduzir o sistema de fazendas coletivas na ZUZ, as autoridades soviéticas esperavam pôr fim ao movimento de libertação revolucionária, uma vez que os camponeses empobrecidos não seriam capazes de apoiar financeiramente a resistência clandestina.

A agitação nesse sentido foi bastante bem-sucedida, pois correspondia da melhor forma possível à mentalidade do camponês da Ucrânia Ocidental. Assustados pela fome da década de 1930, bem como pela migração pós-guerra de camponeses famintos do leste da Ucrânia, os habitantes do Oeste se recusaram a aderir à fazenda coletiva e destruíram a propriedade coletiva. Somente em 1950, usando a força bruta, as autoridades soviéticas conseguiram coletivizar a aldeia na Ucrânia Ocidental. Temas antissoviéticos foram ativamente desenvolvidos nos textos de panfletos e apelos

a todo o povo ucraniano e às mais diversas camadas sociopolíticas: "Apelo à população das regiões ocidentais da Ucrânia, camponeses e trabalhadores das terras centrais e orientais da Ucrânia" (1945), "Ao povo ucraniano sob a ocupação bolchevique" (1946), "Uma palavra para os professores, irmãos das regiões orientais da Ucrânia" (1946), "Ucranianos são católicos gregos!" (1946), "Meninos e meninas ucranianos!" (1947), "Ucranianos feridos, ex-participantes da chamada "guerra patriótica" (1947), "Povo da Ucrânia!" (1948), "Apelo da OUN aos trabalhadores da administração soviética das regiões ocidentais da Ucrânia" (1950), "Trabalhadores industriais da Ucrânia!" (1951) e outros. Nesses materiais, os publicistas usaram um vocabulário muito mais simples, palavras amplamente carregadas de emoção e citaram comparações e exemplos amplamente entendidos.



**Figura 6-** Exemplo de panfleto da OUN (1939). Mikhailo Mykhalevych (1939) “В силі Карпатської Січі лежить могутість нашої Держави!” “*V sili Karpats'koyi Sichi lezhyt' mohuchist' nashoyi Derzhavy!*”. Архів ОУН. <https://ounuis.info/collections/leaflets/greeting-cards/1630/v-syli-karpatskoi-sichi-lezhyt-mohuchist-nashoi-derzhavy.html>

### **3.4 Tentativas de reconhecimento internacional do Holodomor e a reação da OUN a elas.**

Existe um mito difundido na Ucrânia que os países do mundo não sabiam nada sobre o Holodomor, caso contrário, teria havido ações específicas que teriam interrompido as atrocidades de Estaline. No entanto, documentos publicados e desclassificados nos últimos anos testemunham o registo das mortes de camponeses ucranianos como resultado da política deliberada do Kremlin. Diplomatas estrangeiros transmitiram sistematicamente e consistentemente informações sobre a situação na Ucrânia a seus governos. Evidência disso foi a publicação de documentos dos departamentos de política externa, que incluíam relatórios, análises, relatórios, revisões políticas dos cônsules de países como Itália, Alemanha, Reino Unido, Polônia, Checoslováquia, Noruega, Suécia, Japão. A imprensa ocidental também divulgou ativamente eventos terríveis e registou fenômenos de fome em aldeias ucranianas.

Em 1986, o Centro de Pesquisa e Documentação Ucraniano-Canadiense em Toronto apelou oficialmente à comunidade científica internacional com uma proposta de encontrar materiais sobre o Holodomor de 1932-1933 nos arquivos da Alemanha, Itália e Reino Unido. Documentos foram encontrados nos três países. Os documentos eram relatórios apresentados por missões diplomáticas de representantes da Alemanha, Itália e Reino Unido em Kharkiv e Kyiv.

Em 1986, um dos estudos especializados sobre o Holodomor abordou a reação mundial à política soviética. Assim, Roman Serbyn, enfatizou os fatos evidentes do Holodomor de 1932-1933, referindo-se aos dados da diáspora ucraniana. No entanto, a sociedade no Canadá e na Grã-Bretanha não reagiu às informações fornecidas pelos cientistas. Naquela época, os dados soviéticos sobre a ausência de fome nas terras da RSS da Ucrânia ainda eram amplamente citados pela imprensa como "tema do dia". Por sua vez, Roman Serbyn na imprensa trouxe os testemunhos de diplomatas que visitaram as terras ucranianas naquela época e registraram a fome "artificial" e de orientação nacional nas aldeias ucranianas, e "a consideraram como uma arma na luta contra... camponeses e não russos".

Em 1988, no Canadá e nos Estados Unidos, uma equipa de autores (B. Kordan, L. Lutsyuk, M. Tsarynnyk) publicou uma coleção que incluía um extenso conjunto de documentos, testemunhos, cartas e declarações de diplomatas estrangeiros e vários especialistas relacionados com a situação económica, não apenas nas terras ucranianas, mas também em todos os territórios onde os solos férteis "chernozem" eram predominantes. Dessa forma, os autores da coleção refutaram a opinião estabelecida na diáspora ucraniana de que a Grande Fome era um problema puramente ucraniano e demonstraram os fatos das dificuldades do campesinato, que não se limitaram apenas às terras ucranianas, mas também afetaram algumas áreas da URSS, aplicando uma abordagem

econômico-geográfica para justificar a fome desse período. No entanto, essa obra não abordou a orientação anti ucraniana das autoridades soviéticas no Holodomor.

Também, M. Tsarynnyk processou separadamente e preparou para publicação uma coleção de documentos que estavam arquivados no Departamento de Estado de Assuntos Externos dos Estados Unidos.

Em 1989, o renomado historiador italiano Andrea Graziosi coletou e publicou documentos (um total de 38), relatórios analíticos para o Ministério da Itália do cônsul italiano em Kharkiv, S. Gradenigo, e outros materiais. Alguns desses documentos serviram de base para trabalhos apresentados em uma conferência em Toronto em 1990 e foram posteriormente publicados no volume "Fome-Genocídio na Ucrânia 1932-1933: Arquivos Ocidentais, Evidências e Novas Pesquisas" (2003). Esses documentos incluíam o testemunho do cônsul italiano S. Gradenigo com o título "Fome e a situação ucraniana" (datado de 31 de maio de 1933), que descreve a vida quotidiana dos cidadãos e a situação geral das cidades ucranianas, o grande número de pessoas desabrigadas e a situação dos camponeses, que eram aterrorizados pelas autoridades. O cônsul descreveu o número de vítimas da fome que ele viu em Kharkiv e como elas eram removidas das ruas todas as noites. No final, o cônsul observou que isso se assemelhava a ações propositalmente das autoridades para cometer etnocídio contra a população ucraniana.



**Figura 7-** Vítimas da fome. Região de Kharkiv, 1933. Foto da Coleção do Cardeal Teodor Innitzer (Arquivo da Arquidiocese de Viena). A foto foi tirada pelo engenheiro A. Weinerberger. Documentos fotográficos fornecidos pelo Prof. Vasyl Marochko (Instituto de História da Ucrânia da Academia Nacional de Ciências da Ucrânia). - Arquivo Central do Comitê Estatal para os Arquivos da Ucrânia em nome de H. S. Pshenychny. Fundo 5136.

Além disso, como confirmação disso, o cônsul italiano citou as palavras do chefe da GPU<sup>66</sup> de que se tratava de uma substituição proposital de "material etnográfico".

Os depoimentos das missões diplomáticas (americanas, britânicas, alemãs, italianas) sobre o problema do Holodomor de 1932-1933 nas terras ucranianas também foram discutidos em várias fontes e publicações de pesquisadores ocidentais nas décadas de 1980 e 1990. Assim, por exemplo, J. Sandberg publicou em 1990 nos materiais e documentos coletados pela Comissão J. Mays.

Em 1988, a coleção "Ukrainian Famine-Holocaust: Stalin's Secret Genocide 1932/33 of Seven Million Ukrainian Peasants", preparada por um emigrante da Ucrânia chamado Dmytro Zlepko reuniu depoimentos e documentos de cônsules alemães. Essa coleção continha documentos fotográficos e cartas com datas precisas e registros da situação socioeconômica dos camponeses e habitantes de cidades ucranianos em 1933. Por exemplo, no relatório de Schiller, the German Departmental Officer for Agricultural Affairs of the German Embassy in the USSR,, datado de 18 de setembro de 1933, sobre o propósito de coletar grãos dos camponeses, estava escrito o seguinte: "por ordem superior" os esforços do governo "para subjugar os camponeses com fome e levá-los a trabalhar nas fazendas coletivas".

Esses eventos se tornaram conhecidos principalmente nas áreas fronteiriças da Polônia, Romênia, Checoslováquia e Hungria devido às fronteiras com a Ucrânia naquela época. Os camponeses ucranianos que fugiam da fome tentaram entrar nesses países, conforme relatado pelos serviços de fronteira. Com base nisso, fica claro que os líderes de países estrangeiros receberam informações sobre os eventos e a situação socioeconômica que se espalhou para o território da Ucrânia em 1932-1933.

Por sua vez, a comunidade ucraniana na Europa organizou apelos aos governos e organizações internacionais, mas as decisões sobre esses apelos deixam claro que o cálculo pragmático de cooperação com a URSS prevaleceu para a maioria dos políticos ocidentais.

Após visitar os territórios ucranianos, o governador de Lyon E. Herriot negou oficialmente o fato da fome, o que causou revolta entre o público ucraniano e testemunhas da comunidade mundial no Ocidente. Esse passo de E. Herriot é explicado por sua decisão de deliberadamente silenciar a situação nos territórios ucranianos, a fim de não prejudicar a imagem do país soviético durante sua promoção pessoal da amizade e cooperação entre a França e a URSS. Ao contrário de E. Herriot, um pequeno número de figuras públicas na Europa que contribuíram para a cobertura do Holodomor de 1932-1933 demonstrou a posição oposta (Bispo de Viena, Cardeal Teodor Innitzer, Secretário-Geral do Congresso das Minorias Nacionais Europeias E. Ammende, bem como o

---

<sup>66</sup> State Political Directorate, agência de segurança interna da União Soviética.



presidente da reunião do Conselho da Liga das Nações, Primeiro-Ministro da Noruega J. Mowinkel). O Primeiro-Ministro Y. Mowinkel, ao tomar conhecimento da fome na Ucrânia, incluiu a "questão ucraniana" na agenda do Conselho da Liga das Nações. O apelo foi apresentado pelo Comitê Público Ucraniano para o Resgate dos Famintos na Ucrânia em relação à fome em massa e à "catástrofe da fome" (M. Rudnytska e D. Levytskyi). A discussão da "questão ucraniana" na reunião do Conselho da Liga das Nações durou várias horas. No entanto, devido à delegação da França, que mantinha relações amigáveis com a URSS, eles não chegaram a uma decisão de ajudar os ucranianos e interromper a política da URSS. Por sua vez, Y. Mowinkel encaminhou a questão da ajuda aos famintos na Ucrânia à Cruz Vermelha Internacional. A Liga das Nações atraiu a URSS para suas fileiras em 1934.

Já no início de 1932, jornalistas estrangeiros começaram a registrar eventos que indicavam o aumento da fome nas terras ucranianas e a publicar esses fatos diretamente nos periódicos da Grã-Bretanha, Estados Unidos, Canadá, França, Suíça e outros países. A maioria dos países ocidentais não levou a sério as informações recebidas sobre o Holodomor de 1932-1933, uma vez que as relações econômicas e políticas com a URSS eram importantes para alguns, enquanto outros, ao observarem o volume de exportações de grãos soviéticos, incluindo das terras ucranianas, não acreditaram nos dados recebidos dos jornalistas. Foram amplamente utilizadas as excursões pagas pelo Kremlin às regiões da URSS por figuras famosas da época (G. Bernard Shaw, Primeiro-Ministro francês E. Herriot, etc.), que descreviam entusiasticamente as conquistas econômicas e sociais do governo soviético e a vida feliz dos camponeses.

O início do processo de introdução da população ucraniana à fome forçada já foi registrado no início de 1932 por jornalistas que estavam em visitas oficiais à URSS e receberam credenciamento para trabalhar nos escritórios representativos de jornais estrangeiros na União Soviética. No entanto, vale ressaltar que a atividade de qualquer estrangeiro, especialmente de um jornalista estrangeiro, estava sob estrita supervisão das agências de aplicação da lei da URSS. Portanto, os jornalistas não podiam transmitir completamente todas as informações recebidas, que foram coletadas a partir de fontes primárias.

Por exemplo, o correspondente do jornal "Manchester Guardian", M. Muggeridge, que foi um dos primeiros a coletar evidências da fome nas terras ucranianas, descreveu o seguinte: "Quando visitei a Ucrânia e o norte do Cáucaso, vi por toda a parte o que parecia uma guerra entre os camponeses e o governo... Por um lado, milhões de camponeses famintos e inchados... Por outro lado, soldados armados da GPU, cumprindo as ordens do governo. Eles iam... levavam tudo o que estava de alguma forma disponível para alimentação... Os campos mais férteis foram transformados em desertos. Era mais difícil ganhar pão do que a maior fama...". Mais tarde, o autor publicou um artigo e um livro intitulado "Inverno em Moscovo", onde descreveu em estilo

satírico a política da União Soviética em relação às terras ucranianas e a atitude em relação ao campo.

Uma das figuras importantes para a nossa pesquisa é o jornalista britânico Gareth Jones <sup>67</sup>, que, após visitar cidades e vilas ucranianas, anunciou ao mundo ocidental em uma coletiva de imprensa em março de 1933 e forneceu evidências incontestáveis dos horrores que ele pessoalmente testemunhou, dos quais os ucranianos sofrem devido à política de coletivização e ao plano quinquenal de Estaline (expropriação de terras e gado dos camponeses, desarmamento em massa, fazendas coletivas, apropriação forçada de todos os alimentos dos camponeses). Falando em uma conferência organizada pelo Instituto da Califórnia de Assuntos Mundiais (dezembro de 1934), Gareth Jones reconheceu o programa quinquenal de coletivização implementado como "um prenúncio da fome, e a expulsão de cinco milhões de kulaks - um dos crimes mais brutais da história europeia". Os fatos coletados por Jones foram publicados em 1935 nos jornais e revistas "New York American", "Sunday American" e "Los Angeles Examiner". Jones citou as palavras de testemunhas oculares (camponeses e moradores) com quem ele conversou durante suas viagens pela Ucrânia: "Isso não é um erro da natureza. Isso é culpa dos comunistas. Eles tiraram nossa terra. Por que deveríamos trabalhar se não temos nossa própria terra?... Eles levaram nosso trigo. Por que deveríamos trabalhar se sabemos que nosso trigo será tirado de nós?".

Em resposta às ações desse jornalista, a liderança da União Soviética empenhou-se em subornar jornalistas estrangeiros e refutar todos os depoimentos. Em 1935, Jones foi morto na Mongólia, de acordo com alguns relatos de testemunhas, pelas mãos de um agente da GPU. Na fase atual, vários filmes foram produzidos sobre a vida e as atividades de Gareth Jones, destacando o filme de colaboração polacos, ucranianos e britânicos "O Preço da Verdade" (2019), que revela alguns aspectos da visita de Jones à Ucrânia em 1932-1933.

A revista britânica "Times" constantemente publicava informações sobre a fome nas terras ucranianas. Em particular, em 1933, foi publicado um artigo sobre a fome, cujo autor era o secretário-geral e secretário honorário do Comitê Interconfessional e Internacional de Ajuda às Regiões Famintas da Rússia (secretário-geral do Congresso Europeu das Nacionalidades da Liga das Nações) E. Ammende. Suas publicações discutiam a situação dos camponeses e habitantes de cidades ucranianas, as repressões contra as pessoas que tentavam roubar grãos dos armazéns, revelavam fatos sobre o número de mortes por fome durante 1932-1933. Em 1937, em Viena, e em 1938, em Londres, E. Ammende publicou um livro chamado "Should the Russians starve?", onde ele analisava as causas da fome. Em sua obra, o autor enfatizava a natureza "fabricada" da fome, que foi organizada pelas autoridades.

---

<sup>67</sup> Jones, G. (1933, 8 de maio). The Peasants in Russia: Exhausted Supplies. Manchester Guardian.

O correspondente que também tratou da cobertura da Grande Fome na Ucrânia foi William Henry Chamberlin, cujos artigos foram publicados no Manchester Guardian e no Boston Christian Science Monitor. Por muito tempo, esses jornais tiveram colunas separadas para cobrir eventos na Ucrânia. Em 1933, o jornalista conseguiu visitar as regiões de Bila Tserkva, na Região de Poltava, bem como Kuban e o Cáucaso. Com base na situação diretamente observada nas terras visitadas, Chamberlin concluiu que a mortalidade por fome já atingia 3-4 milhões de pessoas. Em 1934, o correspondente registou suas impressões do que viu no trabalho "Iron Age of Russia", no qual ele revelou os problemas da liderança russa em encobrir a situação nas terras ucranianas, proibindo que jornalistas estrangeiros visitassem certos territórios sem permissão das autoridades relevantes. No trabalho, o autor se concentrou separadamente no tema da fome e a descreveu como "um dos primeiros fatos de tal catástrofe, que nunca aconteceu na história da humanidade". William Henry Chamberlin considerou as causas da fome como sendo precisamente o fator nacional: o colapso da resistência dos camponeses ucranianos à coletivização forçada e à aquisição de grãos.

Em resposta a isso, todos os jornalistas pró-Moscovo no Ocidente, em particular Walter Duranty, refuta as palavras de William Chamberlin, publicando artigos no New York Times Nation que justificavam a política do Kremlin. Assim, em 1933, Duranty escreveu que nas terras ucranianas e em algumas regiões adjacentes de Kuban e do Cáucaso, "... as condições são más, mas não há fome lá". Walter Duranty acreditava que "não se pode fazer uma omelete sem quebrar ovos", justificando assim a coletivização forçada e a implementação de aquisições planejadas de grãos.

O jornalista americano Adam Tverdov, após visitar a Ucrânia, publicou um artigo no jornal "New York American", no qual estimou aproximadamente o número de vítimas da fome em mais de 8 milhões de pessoas. O jornalista Fred Beal, com base no testemunho de Hryhorii Petrovskyi<sup>68</sup>, estimou que as vítimas do Holodomor eram cerca de 5 milhões de pessoas <sup>69</sup>“We knew beforehand that fulfilling state grain procurements in Ukraine would be difficult, but what I have seen in the countryside indicates that we have greatly overdone it.... I was in many raion villages and saw a considerable part of the countryside engulfed in famine.” Outro líder da Ucrânia Comunista Vlas Tchubar também tentou informar Estaline sobre a falta de alimentos na Ucrânia. Portanto, pode-se confirmar que Estaline estava informado da situação mas escolhia não tomar qualquer medida. Numa carta<sup>70</sup> ao Lazar Kaganovich, seu confidente próximo, Estaline disse que "não gostou" da correspondência que recebeu de Tchubar e Petrovsky e que uma redução na aquisição de grãos da Ucrânia não era "aceitável". Portanto a sua intenção era continuar com a mesma política. “The

---

<sup>68</sup> Petrovsky, G. Letter from Petrovsky to Molotov and Stalin on the grave food situation and famine in the Ukrainian SSR, June 10, 1932

<sup>69</sup> Beal, F. E. (1938). Word from Nowhere. The Right Book Club. P. 311.

<sup>70</sup> Stalin. J.(1932, 2 de julho) Letter from Stalin to Kaganovich and Molotov on the Ukrainian SSR leadership.

main issue is now Ukraine. Matters in Ukraine are currently extremely bad. Bad from the standpoint of the Party line. They say that in two oblasts of Ukraine (Kyiv and Dnipropetrovsk, I believe), nearly 50 raion Party committees have spoken out against the grain procurement plan as unrealistic.”<sup>71</sup> Estaline tinha receio de perder a Ucrânia e pretendia torná-la uma república soviética exemplar, a todo o custo.

Também chegaram à França testemunhos sobre a fome nas aldeias e cidades ucranianas por meio de jornalistas. Assim, o correspondente Suzanne Bertillion publicou no jornal "Le Matin" a história da emigrante ucraniana dos Estados Unidos, Martha Stebalo, que, ao visitar seus parentes na região de Kiev e Podillia, testemunhou a terrível situação do campesinato ucraniano, o canibalismo e as mortes em massa devido à fome. Investigando esse fenômeno, o jornalista, em publicações subsequentes, forneceu um mapa da propagação da fome na Ucrânia e o número de vítimas da fome: "Precisamente para destruir toda a concorrência independente, o governo soviético organizou sistematicamente uma terrível fome, que prevalece agora, na esperança de que finalmente destruirá toda a nação, que só peca por 'concorrência à vontade'.”<sup>72</sup>

O jornal "Figaro" e o jornal suíço "Gazette Lausanne", assim como o jornal em alemão "New Zurich Gazette", publicaram repetidamente artigos sobre o Holodomor na Ucrânia, nos quais, em particular, foram apresentados testemunhos sobre a situação difícil do campesinato e as consequências da fome nas regiões da Ucrânia. Jornais americanos escreveram sobre a artificialidade do Holodomor. Em primeiro lugar, os jornais da emigração ucraniana publicaram dados obtidos a partir de fontes primárias (de testemunhas, parentes ou observações independentes) sobre a situação e as consequências da terrível fome.

No período de 1932 a 1933, o jornal Svoboda, que era administrado pela União Popular Ucraniana nos Estados Unidos, relatou os fatos da situação de fome artificialmente criada pela liderança de Moscovo nas terras ucranianas. Em 1932, esse jornal publicou "Uma ordem aos bolcheviques da Ucrânia para realizar um confisco de grãos para o estado em fevereiro", que foi publicado no jornal "Pravda" (órgão de imprensa do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética). Essa ordem evidenciava a intenção das autoridades de punir os camponeses com a fome por desobediências e sabotagem na aquisição de grãos, em particular, os líderes do distrito de Melitopol.<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> Stalin. J.(1932, 2 de julho) Letter from Stalin to Kaganovich and Molotov on the Ukrainian SSR leadership.

<sup>72</sup> Bertillion, S. (1933, agosto). "Nous voyons des scènes de cannibalisme, tandis que la recolte" Le Matin.

<sup>73</sup> "Moscovo pretende castigar com fome os camponeses ucranianos." "Москва хоче голодом виморити українських селян". Svoboda. (Jersey City). 1932. 15 de fevereiro. URL: <http://www.svoboda-news.com/arxiv/pdf/1932/Svoboda-1932-037.pdf>. (Em ucraniano).

O mesmo jornal publicou repetidamente os testemunhos (tanto dos ucranianos como dos jornalistas estrangeiros) que visitaram os territórios da Ucrânia. Foram publicados testemunhos, que relatavam sobre o que viram na Ucrânia. Nesses testemunhos era mencionado um grande número de pessoas - camponeses e trabalhadores de fazendas coletivas nas cidades que tentavam trocar seus pertences por qualquer tipo de comida. Ao mesmo tempo, havia filas nas lojas. Pão podia ser comprado por 6-7 rublos. Da farinha disponível para venda nas lojas, só se encontrava farinha de milho por 30 rublos. Podemos supor que o jornal Svoboda foi um dos primeiros nos Estados Unidos a revelar os terríveis eventos nos territórios ucranianos em 1932-1933. Seus artigos abordaram as causas da fome, suas consequências, e foram realizadas pesquisas sobre o cálculo das vítimas da fome. Os editores e jornalistas do jornal eram unânimes em sua opinião de que a fome foi causada pelo homem: para quebrar a resistência do campesinato ucraniano à coletivização em massa. Enfatizou-se a falsificação criminoso dos fatos da fome pelas autoridades do Kremlin e pelos dados registrados por quase todos os jornalistas de outros países e testemunhas no território da Ucrânia. O jornal levantou a questão do silenciamento pelos governos de países estrangeiros dos problemas dos camponeses ucranianos.

Não eram apenas revistas de emigrantes que relatavam os eventos na Ucrânia em 1932-1933. Assim, nos Estados Unidos, o jornal New York Times publicou testemunhos daqueles que vivenciaram a fome, disponibilizando suas páginas para publicações tanto de Gareth Jones quanto de jornalistas pró-soviéticos (Walter Duranty, e L. Fischer).

Em Toronto, no Canadá, foram publicados artigos nos quais, já em 1932, jornalistas citaram os terríveis fatos das mortes por inanição de ucranianos. Esses artigos foram posteriormente republicados em outros periódicos, como o "Winnipeg Free Press". Outra publicação canadense em Winnipeg imprimiu o testemunho de M. Stechyshyn, que considerou o Holodomor criado pelas autoridades soviéticas como um crime contra os ucranianos. O autor defendeu a posição de que a fome era artificial e que as ações propositadas preparadas com antecedência pelas autoridades visavam à extermínio em massa do campesinato ucraniano como meio de suprimir qualquer manifestação nacional.<sup>74</sup>

Em 1935, o "New York Evening Gazette" também publicou artigos de outro jornalista sobre os problemas da fome da população ucraniana – Harry Lang. Em seus artigos, o jornalista apresentou o testemunho de testemunhas dos eventos, descreveu as ações e medidas das autoridades em relação à piora da situação nos territórios ucranianos com o objetivo de causar a fome em massa de camponeses e habitantes das cidades. Harry Lang, também teve seus artigos publicados no jornal judaico "Daily Forward", que era publicado nos EUA em ídiche, onde ele abordou os

---

<sup>74</sup> Klid, B., & Motyl, A. J. (2012). The Holodomor reader: A sourcebook on the famine of 1932-1933 in Ukraine. P. 386.

tópicos da empobrecida população judaica perto de Kharkiv em 1933, descrevendo a ruína e destruição do campesinato ucraniano, comparando-a com a situação da população judaica na Palestina na mesma época. Um diálogo cínico com um alto funcionário da União Soviética sobre o cartaz que ele viu, onde uma criança estava deitada ao lado do bezerro inchado da mãe e a descrição "Comer crianças mortas é barbarismo" impressionou o jornalista. Harry Lang descreve isso da seguinte forma: "Eu me perguntei qual era o propósito de tal cartaz? Um funcionário soviético me explicou: Este é um dos nossos métodos de educar o povo. Distribuímos esses cartazes em centenas de aldeias, especialmente na Ucrânia. Tivemos de fazer isso. À pergunta de Lang se as pessoas realmente estavam em tal estado a ponto de comer os corpos de seus filhos, o funcionário respondeu afirmativamente: Nem todos os nossos cidadãos estão esclarecidos". Para Lang, esse evento testemunhou o incrível cinismo do governo soviético daquela época, que causou independentemente um estado de empobrecimento da população e provocou o barbarismo, e alertou os outros sobre isso.<sup>75</sup>

A camada social mais ampla dos camponeses, que tradicionalmente era portadora da identidade nacional ucraniana, permaneceu passiva durante a Segunda Guerra Mundial, em contraste com os camponeses do oeste da Ucrânia, que se tornaram o bastião da OUN e da UPA. John Armstrong apontou com razão que o uso generalizado da língua ucraniana pelos camponeses ainda não indicava sua consciência nacional. O medo de ser morto pelos partidários soviéticos e a falta de confiabilidade da polícia rural (ao contrário da polícia urbana) levaram ao fato de que até mesmo elementos nacionais conscientes recusaram a oferta de assumir posições oficiais. Treinados pela amarga experiência do terror soviético por meio da fome e da repressão, os camponeses adotaram uma postura de espera. Taras Gunchak observa que, com medo de punição das autoridades alemãs pela falta de alimentos e tentando evitar a exportação para a Alemanha, os camponeses foram forçados a fugir para as florestas, criando assim células partidárias. Portanto, o governo de ocupação se tornou o fator que forçou os camponeses a resistir. Em geral, o campesinato guiava suas ações pelo instinto de sobrevivência, abandonando quaisquer aspirações políticas. John Armstrong observou que entre os participantes conscientes do movimento estavam a *intelligentsia* rural (gerentes de fazendas coletivas, paramédicos) e participantes dos eventos de 1917-1921. Algumas manifestações de simpatia pelo movimento nacionalista também ocorreram entre os trabalhadores de fazendas coletivas. Quanto à classe trabalhadora, a política de Korenizatsiya<sup>76</sup> do proletariado como resultado do aumento de suas fileiras com o campesinato arruinado não foi confirmada pelas ações práticas deste último na questão nacional.

A tese de John Armstrong de que o principal erro da OUN foi direcionar seus recursos limitados apenas para as cidades, enquanto as aldeias também precisavam de ajuda para construir a vida

---

<sup>75</sup> Lang Harry. (1935, 15 de abril). Soviet Horrors Told by Socialist. The New York Journal.

<sup>76</sup> Política de integração das nacionalidades na URSS durante a década de 1920.

nacional, é apenas parcialmente correta. As cidades, como centros da vida política e econômica, eram naturalmente objetos importantes para a expansão da ideia do nacionalismo integral, especialmente considerando que em grande parte passavam pelo processo de russificação, processo este que pretendia impor a língua e a cultura russas em vez das locais. Além disso, como o próprio pesquisador afirmou, os camponeses adotaram uma postura de espera e, portanto, sob condições favoráveis para o desenvolvimento dos eventos, é lógico supor que teriam apoiado a OUN em sua maioria. Portanto, o cálculo foi bastante pragmático. A classificação da base social da OUN no leste da Ucrânia por estrutura etária revelou uma situação bastante específica. Em geral, o "conflito de gerações" que ocorreu na Galícia não é inerente à Ucrânia Oriental, ainda mais, foi a influência dos pais que levou os jovens a ingressar nas fileiras dos nacionalistas. Outro fator bastante influente no apoio à OUN foram os motivos pessoais. John Armstrong cita exemplos em que os filhos de kulaks, sacerdotes e intelectuais condenados pelo regime soviético, que não tinham nada a agradecer aos soviéticos, se juntaram aos nacionalistas. Houve casos em que surgiram grupos individuais com inclinações nacionalistas, que, no entanto, não apoiavam nenhuma fração da OUN. Um grupo desse tipo existiu em Pavlograd (região de Dnipropetrovsk). Em geral, a juventude do leste da Ucrânia não se tornou a vanguarda do movimento devido à baixa consciência nacional. Além disso, foram as regiões orientais da Ucrânia soviética, devido ao fator geográfico (a ausência de florestas onde se poderia se esconder), que se tornaram os principais fornecedores de recursos humanos para exportação para a Alemanha como trabalho forçado.

Logo após a passagem da fome pelas regiões ucranianas o governo soviético aprova a política de realojamento das cidades e aldeias dizimadas pela fome com grupos etnicamente russos. Esta medida era estritamente secreta, no entanto os documentos<sup>77</sup> já divulgados comprovam que tudo isto era uma ação planejada e estruturada. Os russos foram transferidos da região de Gorky, da região de Chernozem (que agora está dividida nas regiões de Kursk, Voronezh e Tambov) para as regiões de Kharkiv, Dnipropetrovsk e Odesa. No total, houve 329 comboios de reassentados, o que equivale a cerca de 21 mil famílias. A recepção dos recém-chegados, de acordo com a instrução do Comitê Central, deveria ser organizada pelas autoridades locais na Ucrânia.

---

<sup>77</sup> Постановление СНК СССР № 2318 «О переселении на Украину 21 000 семей колхозников». 25 октября 1933 г. Decreto do Conselho de Comissários do Povo da URSS nº 2318 "Sobre o reassentamento para a Ucrânia de 21.000 famílias de fazendeiros coletivos". 25 de outubro de 1933.". Fonte: Электронная Библиотека Исторических Документов. *Elektronnaya Biblioteka Istoricheskikh Dokumentov*. Disponível em: <http://docs.historyrussia.org/ru/nodes/305320-postanovlenie-snk-sssr-2318-o-pereselenii-na-ukrainu-21-000-semey-kolhoznikov-25-oktyabrya-1933-g> (Em russo).

№ 192  
ПОСТАНОВЛЕНИЕ СНК СССР № 2318  
«О ПЕРЕСЕЛЕНИИ НА УКРАИНУ 21 000 СЕМЕЙ КОЛХОЗНИКОВ»  
25 октября 1933 г.  
Не подлежит оглашению<sup>11</sup>

Совет народных комиссаров Союза ССР постановляет:  
1. Предложить Всесоюзному переселенческому комитету при СНК СССР<sup>155</sup> произвести переселение на Украину 21 тыс. семейств колхозников, добровольно желающих переехать на новое постоянное жительство, в том числе:  
а) 3500 хозяйств в Донецкую обл. из Ивановской обл.; б) 6500 хозяйств в Днепропетровскую обл. из Западной обл.; в) 4500 хозяйств в Харьковскую

**Figura 8-** Постановление СНК СССР № 2318 «О переселении на Украину 21 000 семей колхозников». 25 октября 1933 г. Decreto do Conselho de Comissários do Povo da URSS nº 2318 "Sobre o reassentamento para a Ucrânia de 21.000 famílias de fazendeiros coletivos". 25 de outubro de 1933.". Fonte: Электронная Библиотека Исторических Документов. *Elektronnaya Biblioteka Istoricheskikh Dokumentov*. Disponível em: <http://docs.historyrussia.org/ru/nodes/305320-postanovlenie-snk-sssr-2318-o-pereselenii-na-ukrainu-21-000-semey-kolhoznikov-25-oktyabrya-1933-g> (Em russo).





## Capítulo 4. Memórias dos sobreviventes do Holodomor (1932-1933)

A história dos sobreviventes do Holodomor é um testemunho inestimável de coragem, resiliência e determinação de uma das tragédias mais sombrias do século XX. Os relatos pessoais desses sobreviventes oferecem uma janela única para os horrores da fome. Várias experiências de pessoas de todos os cantos da Ucrânia vivenciaram episódios semelhantes: miséria, morte, frio, fome e repressão. Com base na análise dessas fontes primárias conseguimos extrair uma imagem mais precisa do que foi aquela época. Os jornalistas e historiadores ucranianos tem se esforçado para recolher os testemunhos dos sobreviventes por todo o país, mesmo alguns já em idade mais avançada decidem partilhar a sua história e a sua dor. As suas vozes foram silenciadas durante décadas, era proibido falar o que quer que fosse sobre o Holodomor, até em diários próprios ou em correspondência pessoal.

**Memórias de Zinkivska Anastasiia Petrovna, nascida em 1915, viveu na aldeia Ray-Oleksandrivka. (Oblast de Donetsk)<sup>78</sup>. Entrevista realizada em 2008.**

“Agora muitos afirmam que não houve fome em 1932 e 1933. Mas eu me lembro bem desse terror, porque o vivenciei. Não posso lembrar disso sem lágrimas. O que as pessoas tiveram de suportar! Não desejo isso a ninguém. As autoridades locais cumpriram rigorosamente a ordem de confiscar grãos. Ativistas confiscaram todos os grãos das pessoas após a colheita de 1932, que já não era abundante. Eles até varreram os sótãos para garantir que nenhum grão fosse deixado. O que comíamos? Coletávamos urtigas, roubávamos espigas secretamente nos campos das fazendas coletivas, cozíamos raízes e cascas de árvores frutíferas para alimentar nossa família de alguma forma. Alguns matavam gatos e cães para comer. Moíam bolotas, mas nem todos sobreviviam. Muitas pessoas na vila morreram; muitos estavam inchados de fome. As primeiras vítimas foram as crianças mais jovens que não tinham nada para comer. Em seguida, muitos idosos e até jovens morreram. Várias pessoas eram enterradas todos os dias. Elas eram enterradas no cemitério, nos jardins de suas casas, onde fosse possível. Não havia caixões; eles cavavam covas e enterravam diretamente.

As famílias camponesas eram grandes, com nove ou dez membros. Após 1933, era considerado um milagre se metade da família sobrevivesse. Houve famílias em que os pais morreram,

---

<sup>78</sup> Tretiak, O. L., Bliednov, S. F., Nikolskyi, V. M., Parseniuk, B. F., Troyan, M. N., & Zaichenko, I. M. (2008). “Книга пам’яті жертв Голодомору в Україні, Донецька область.” КІП «Регіон». Донецьк. Р.394. Disponível em: [https://holodomormuseum.org.ua/wp-content/uploads/2019/10/donecka\\_obl\\_tl.pdf](https://holodomormuseum.org.ua/wp-content/uploads/2019/10/donecka_obl_tl.pdf) . Tradução do ucraniano.

deixando os filhos órfãos. Na vila havia um orfanato para onde enviaram as crianças. Órfãos e crianças de aldeias vizinhas foram criados lá. Aqueles que voluntariamente se juntaram às fazendas coletivas (tínhamos três na nossa vila) tinham um pouco mais de chance de sobreviver, porque recebiam comida uma vez por dia. Alguns comiam o que tinham, outros levavam comida para casa para as crianças. Nossa vila era próspera até 1932. As pessoas trabalhavam e viviam confortavelmente, não eram pobres, mas em um ano todos se transformaram em pedintes. Talvez alguém tenha vivido melhor do que outros naqueles terríveis anos, mas eu não me lembro de ninguém.”

**Memórias de Lavrienko Ivan Ivanovich nascido em 1928 na cidade de Cherkasy.<sup>79</sup>  
Entrevista realizada em 2008.**

“Eu nasci na aldeia de Kriva Hrebla,(atualmente na região de Cherkasy). Meu avô, Lavrinenko Hnat Samiylovich, tinha uma grande família com 8 filhos, e uma fazenda de 5 hectares de terra. No entanto, a tragédia chegou até nós: meu avô não queria se juntar à fazenda coletiva (kolhoz), então os ativistas comunistas apareceram, e eles confiscaram tudo da propriedade e da casa, tudo. Lembro-me disso: meu avô estava deitado, e eles empurraram-no. E a fome levou o nosso provedor. Foi um ano terrível de 1933. Meu pai, Lavrinenko Ivan Hnatovych, nascido em 1904, não tinha educação formal, mas era um bom camponês. Trabalhador. Alfaiate. Harmonista. Em setembro de 1937, os agentes da NKVD (Comissariado do Povo para Assuntos Internos) levaram nosso pai. Não houve julgamento. Não sabíamos por que o levaram e por quanto tempo. Recebemos cartas de Arkhangelsk e da Buriácia (regiões da Rússia) antes da guerra. Assim, sofremos sem motivo, como todos os povos, especialmente a Ucrânia.”

**Memórias de Pokhilaya Nadiya Tykhonivna, nascida em 1929 na aldeia de Berestok, Oblast de Donetsk.<sup>80</sup> Entrevista realizada em 2008.**

“Naquela época, eu tinha apenas 4 anos. Todas as pessoas, incluindo minha família, estavam a sofrer muito. Éramos cinco na família. Íamos ao campo para colher plantas comestíveis. Também pegávamos insetos, procurávamos conchas e caracóis no rio. Arrancávamos trevos, encontrávamos batatas congeladas e tentávamos fazer papas para toda a família. Não tínhamos nem pai nem mãe. Eles faleceram no início da fome. Tentamos crescer sob os cuidados do irmão mais velho. Ele tinha 14 anos. Às vezes, até sentávamos e observávamos as pessoas, todas

---

<sup>79</sup> Odesa National I. I. Mechnikov University. (2009). Історії виживших від Голодомору 1932–1933 років. In I. Velykanova (Ed.), Науковий збірник: збірник наукових праць. Одеса: Видавництво Одеського національного університету імені І. Мечникова. Рр.723, 724. Tradução do ucraniano.

<sup>80</sup> Tretiak, O. L., Bliednov, S. F., Nikolskyi, V. M., Parseniuk, B. F., Troyan, M. N., & Zaichenko, I. M. (2008). “Книга пам’яті жертв Голодомору в Україні, Донецька область.” КП «Регіон». Донецьк. P.343. Disponível em: [https://holodomormuseum.org.ua/wp-content/uploads/2019/10/donecka\\_obl\\_t1.pdf](https://holodomormuseum.org.ua/wp-content/uploads/2019/10/donecka_obl_t1.pdf) . Tradução do ucraniano.

procurando algo, tentando sobreviver. Houve uma seca terrível. Todos sobreviviam como podiam.”

Todos estes testemunhos e outros semelhantes possuem a mesma lógica, o foco principal seria sobreviver. Durante o Holodomor não se festejavam aniversários, não eram celebrados casamentos nem batizados, os feriados religiosos não decorriam nos moldes habituais. Tudo isto poderá ter contribuído para uma interrupção de tradições que separava as gerações deixando as cada vez menos sem a própria identidade. Apagando a memória e as raízes da população seria muito mais fácil construir novas tradições e costumes, fazer dos líderes soviéticos heróis e dar novas datas comemorativas, como o dia da Revolução de Outubro e substituir o festejo em massa do Natal pelo Ano Novo.

Um episódio como o Holodomor moldou o comportamento e os valores da nação. Os mais novos olhavam os mais velhos a poupar cada migalha de pão, por vezes tentavam apanhar moscas e insetos, pela força do hábito. Os jovens, até uma certa idade, não compreendiam estes comportamentos. Mais tarde a família decidia se iria compartilhar com os mais jovens estes episódios traumáticos dos seus antepassados. Mas muitas famílias recalcavam o trauma dentro de si, não falavam sobre estes acontecimentos. O medo enraizou-se nas mentalidades, depois de perder familiares expressar luto e tristeza estava proibido, com o risco de se tornar a próxima vítima da perseguição.<sup>81</sup>

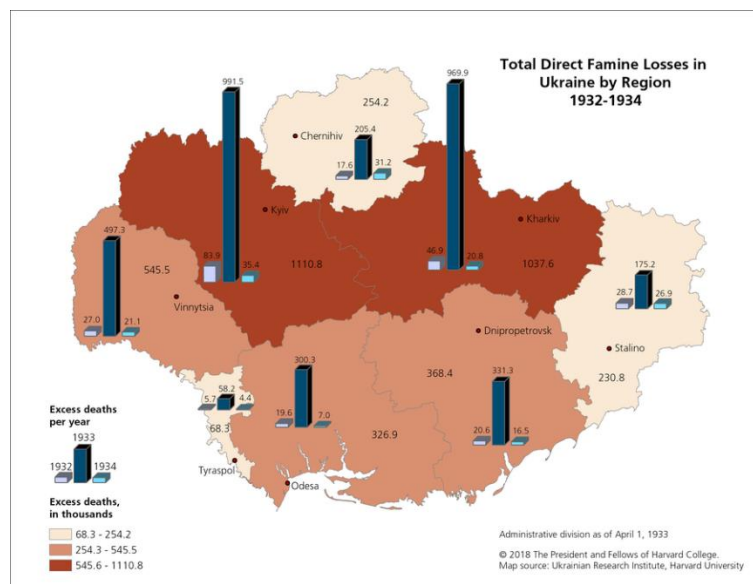
Certos costumes ainda hoje são praticados nas famílias, tal como comer todo o prato até ao fim para não desperdiçar comida, caso o pão caia no chão deve-se levantá-lo imediatamente e beijar a fatia, isso se reflete até nas preferências alimentares, para alguns a refeição será incompleta caso não venha acompanhada com pão. Fazer conservas de cogumelos, pepinos e frutas para o inverno que serão armazenadas na despensa de cada família é um ritual de outono de muitas famílias ucranianas.

A aldeia que antes era o pilar da sociedade agora é desvalorizada, ser um habitante de aldeia é considerado algo “inferior”, “sem cultura”. Tudo isto se pode explicar através dos acontecimentos nos anos 1932-1933, as pessoas das aldeias queriam escapar da fome fugindo para as cidades, embora estas também não tenham escapado da tragédia. Os habitantes da aldeia não tinham direito a passaporte e eram tidos como “escravos”. Para qualquer saída fora da região era necessário obter uma autorização do chefe do klolkhoz. Os homens teriam mais oportunidade de fuga caso continuassem o serviço no exército. Esta situação só se veio alterar nos anos 70 através do O Decreto do Conselho de Ministros da URSS de 28 de agosto de 1974, nº 677 "Sobre a Aprovação do Regulamento sobre o Sistema de Passaportes na URSS" quando todos os habitantes da URSS

---

<sup>81</sup> Bezo, B., & Maggi, S. (2015). Living in “survival mode:” Intergenerational transmission of trauma from the Holodomor genocide of 1932–1933 in Ukraine. *Social Science & Medicine*.

eram obrigados a possuir passaporte. Na cidade os novos ideais soviéticos seriam mais facilmente implementados, já que havia menos comunidades próximas que compartilhavam um passado comum.<sup>82</sup>



**Figura 9-** Mapa de mortes provocadas pela fome entre 1932-1934 por regiões ucranianas. Fonte: Harvard University. Digital Atlas of Ukraine. Disponível em: <https://gis.huri.harvard.edu/population-losses>

<sup>82</sup> Bukhta, Y. Ponedilok N, 23 de outubro de 2020, "Як Голодомор впливає на Україну сьогодні?" "Як Голодомор впливає на Україну сьогодні" Ukrainer. Disponível em: <https://ukrainer.net/yak-holodomor-vplyvaie/>. (Em ucraniano).

## Conclusão

O Holodomor na Ucrânia, que ocorreu em 1932-1933, não foi um episódio singular, este tem as suas raízes na grande fome que assolou o país em 1921-1923. Parece que o início do planejamento desta tragédia remonta a 1928-1929, quando, no âmbito da política de "superar defeitos congênitos", ou seja da correção dos problemas estruturais da agricultura e sociedade ucraniana e da introdução de medidas de liquidação, uma espécie de ensaio do futuro Holodomor que já havia ocorrido na Ucrânia. Isso se baseia em atos normativos legais, que foram adotados centralmente pelas autoridades centrais e que foram posteriormente replicados na Ucrânia.

Essa ação visava à destruição da nação ucraniana por meio da fome em massa, que afetou a maior parte da população - os camponeses ucranianos. A aldeia ucraniana sempre desempenhava o papel de coração da nação, o local onde se preservavam os costumes, as tradições e a arte folclórica. Antes do Holodomor, cerca de 90% dos habitantes da Ucrânia eram camponeses. Os camponeses eram autossuficientes, confiando no que cultivavam com suas próprias mãos. Mesmo os pobres, que compunham cerca de 50% dos camponeses e não possuíam terras e eram obrigados a trabalhar sob forma de contratados, tinham uma clara compreensão de que o bem-estar das suas famílias dependia do seu trabalho árduo. As atividades económicas como a agricultura e a criação do gado permitiram o país alcançar a autossuficiência e quando este território tão rico e fértil foi submetido a políticas de requisição de gêneros alimentícios este ficou sem a sua base para a sobrevivência. Essa intenção coletiva das autoridades causou grande sofrimento e uma catástrofe humanitária para o povo ucraniano. Sabe-se que após o desaparecimento de muitas aldeias ceifadas pela fome o estado central incentivava a transferência de pessoas dos territórios "eticamente russos" para reabitar esses locais e deste modo eliminar as diferenças nacionais que constituíam problemas para o governo soviético.

Após a derrota da luta pela libertação nacional no período de 1917 a 1921, o território da Ucrânia foi dividido entre diferentes estados vizinhos: Rússia Bolchevique (partes central, oriental e meridional), Polónia (Galícia e Volínia) e Romênia (Bucovina e parte da Bessarábia). A exceção foi a Transcarpácia que ficou sob o controle da Checoslováquia graças a negociações com as elites locais e a diáspora nos Estados Unidos.

Embora o sistema de tratados de paz de Versalhes tenha aliviado temporariamente os problemas nacionais na região, deixou muitas questões sem solução, dando origem a sentimentos revanchistas. O princípio da autodeterminação das nações estabelecido pelo sistema atuou de forma seletiva. Por exemplo, a Galícia foi entregue à Polónia sob a condição de autonomia, mas essas promessas não foram cumpridas. Falhas e limitações na aplicação do princípio de autodeterminação tiveram consequências a longo prazo, contribuindo para instabilidades políticas e conflitos posteriores em várias regiões. O Tratado de Versalhes não só não garantiu uma paz duradora como semeou novos conflitos.

Foi observado que os novos estados (Polónia, Romênia, Checoslováquia) não levaram em consideração os direitos e aspirações dos ucranianos, seguindo uma política de assimilação total. Nessas condições,

surgiram organizações nacionalistas ucranianas, em particular a OUN, que se tornou uma força de resistência à nova ocupação.

Uma mudança na situação política internacional foi identificada como uma condição necessária para a restauração da independência da Ucrânia. Nacionalistas ucranianos nas décadas de 1920 e 1930 direcionaram seus esforços para os estados que buscavam revisar o sistema de Versalhes como Alemanha, Lituânia, Itália e Japão. Eles demonstraram um interesse especial pela Alemanha, que buscava anular esse sistema que o via como um *diktat* para o povo alemão.

Como resultado, pode-se afirmar que os nacionalistas ucranianos estavam bem informados sobre o terror em massa e a fome no território da então URSS. A análise da informação analítica nos órgãos impressos da OUN comprova um entendimento bastante preciso da essência do regime bolchevique e uma compreensão dos métodos terroristas com os quais Moscou tentava subjugar os ucranianos. A publicidade na imprensa, bem como os julgamentos de membros das organizações nacionalistas ucranianas de Varsóvia e Lviv de 1935-1936, que foram publicamente criticados por se considerarem “casos fabricados” por motivações políticas. Estes julgamentos só serviram para exacerbar tensões étnicas entre os polacos e os ucranianos na região, e contribuíram para a hostilidade entre esses dois grupos. Todos esses acontecimentos tiveram consequências de curto e longo prazo.

Se falarmos sobre resultados a curto prazo, é importante enfatizar a influência que a informação sobre a grande fome na URSS teve na atitude dos ucranianos da Ucrânia Ocidental em relação aos simpatizantes da ideologia soviética. Na verdade, a informação sobre o Holodomor “enterrou” as esperanças dos ucranianos de um renascimento do estado ucraniano na URSS bem como minou o apoio de muitos ucranianos à União Soviética e ao sistema comunista. Isto levou a grande maioria da população a desacreditar que a URSS poderia ser uma força unificadora ou um caminho viável para a ressurreição do estado ucraniano. A longo prazo, o conhecimento dos métodos de terror pela fome, ativamente implementados pela liderança soviética, serviram como um impulso para o desenvolvimento da resistência armada em massa contra a apropriação de produtos dos habitantes da região ucraniana de Galícia.

Isso é evidenciado por folhetos anti coletivização, com alertas sobre a possibilidade de fome e advertências contra o sistema de fazendas coletivas como um todo. Portanto, o assassinato de um representante do consulado soviético e o subsequente trabalho de propaganda antissoviética da OUN influenciaram a formação de futuros patriotas ucranianos, que mais tarde, nas condições da guerra soviético-alemã, se juntaram às fileiras dos membros do Movimento de Resistência, ativamente aderiram à Insurgência Ucraniana e a clandestinidade da OUN, com a convicção firme de que apenas a confrontação armada ativa poderia conquistar o direito à liberdade e à criação de seu próprio estado.

Por todo o território ucraniano dominado pelos soviéticos, houve fomes devastadoras que afetaram a todos, sem olhar ao e seu status social ou crenças políticas. As fomes mataram milhões de pessoas inocentes, e essa tragédia deixou uma ferida incurável na história da Ucrânia. Muitos ucranianos decidiram que, para preservar sua cultura, identidade e independência, eles precisavam lutar contra o regime que causou o Holodomor. O Holodomor tornou-se um símbolo de indignação pública e

determinação em lutar pela Ucrânia, e essa experiência influenciou a formação da consciência nacional e do patriotismo dos ucranianos. Cada elemento da sociedade escolhia a sua forma de luta, quer por meios de protestos armados como através do apoio à cultura, à língua e tradições ucranianas mesmo com todas as limitações impostas pelo regime soviético. A emigração muitas vezes era a única solução para fugir as perseguições políticas para evitar a morte, e a partir do estrangeiro essas pessoas continuavam a apoiar a causa nacional.

Após a independência da Ucrânia da União Soviética em 1991 o país reuniu todos os esforços para reestabelecer a “justiça histórica” através das ações culturais e diplomáticas que visavam o reconhecimento do Holodomor como genocídio. Através da pesquisa e levantamento dos documentos agora disponíveis depois de permanecerem em arquivos secretos de Moscovo, a Ucrânia procura manter o foco neste tópico e demonstrar a sua visão deste período da história. Após anos de silenciamento e censura total agora a matéria sobre o Holodomor está incluída no programa escolar. Monumentos, museus e leis de memória que proíbem a negação do Holodomor e promovem a preservação da memória das vítimas, todos estes instrumentos perseguem o mesmo objetivo: divulgar a sua verdade e deixar a lição para as gerações futuras.



## Referências Bibliográficas

- Anderson, B. A., & Silver, B. D. (1985). Demographic analysis and population catastrophes in the USSR. *Slavic Review*, 44(3), 517-536. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/2498020?seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/2498020?seq=1#metadata_info_tab_contents).
- Andriewsky, O. (2015). Towards a decentred history: The study of the Holodomor and Ukrainian historiography. *East/West: Journal of Ukrainian Studies*, 2(1), 17-52. Disponível em: <https://www.ewjus.com/index.php/ewjus/article/view/Andriewsky>.
- Applebaum, A. (2017). Red famine: Stalin's war on Ukraine. Signal.
- Armstrong, J. A. (1963). Ukrainian nationalism. Columbia University Press.
- Bandera S.(1998). Prospects of the Ukrainian Revolution. – Drohobych.
- Bezo, B., & Maggi, S. (2015). Living in “survival mode:” Intergenerational transmission of trauma from the Holodomor genocide of 1932–1933 in Ukraine. *Social Science & Medicine*, 134, 87-94.
- Borys, J. (1960). The Russian communist party and the sovietization of Ukraine.
- Carynnyk, M. (1932). Blind eye to murder: Britain, the United States and the Ukrainian Famine of 1933. *Famine in Ukraine, 1933*, 109-38.
- Carynnyk, M. (1983). Making the News Fit to Print: Walter Duranty, the New York Times and the Ukrainian Famine of 1933. The Author.
- Conquest, R. (1986). Harvest of Sorrow: Soviet Collectivization and the Terror-Famine. Oxford University Press.
- Conquest, R. (1986). The harvest of sorrow: Soviet collectivization and the terror-famine. Oxford University Press, USA.
- Coulson, J. (2021). The Holodomor in Collective Memory. *The General Assembly Review*, 2(1), 1-15.
- Davies, R., Tauger, M., & Wheatcroft, S. (1995). Stalin, Grain Stocks and the Famine of 1932-1933. *Slavic Review*, 54(3), 642-657. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/2501740?seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/2501740?seq=1#metadata_info_tab_contents).
- Dontsov D. (1935). Nationalism. – London–Toronto.

Ellman, M. (2007). Stalin and the Soviet famine of 1932–33 revisited. *Europe-Asia Studies*, 59(4), 663-693. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09668130701291899> .

Fonzi, P. (2021). “No German Must Starve”: The Germans and the Soviet Famines of 1931–1933. *Harvard Ukrainian Studies*, 38(1/2), 13–44. <https://www.jstor.org/stable/48694959>

Grigory I. Petrovsky (1932). Letter from Petrovsky to Molotov and Stalin on the grave food situation and famine in the Ukrainian SSR. In *Holodomor of 1932–33 in Ukraine* (2008). Excerpts, pp. 33–36.

Hadzewycz, R., Zarycky, G., & Kolomayets, M. (1983). *The Great Famine in Ukraine: The Unknown Holocaust*. Jersey City, NJ: Ukrainian National Association.

Heretz, L., Mace, J. E., & Procyk, O. (1986). *Famine in the Soviet Ukraine 1932-1933: A Memorial Exhibition*. Cambridge, Massachusetts.

Himka, J. P. (2013). Encumbered memory: The Ukrainian famine of 1932–33. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*, 14(2), 411-436.

Holiy, Mykola. *Organized Famine in Ukraine, 1932–1933*. Chicago: Ukrainian Research Institute, 1963.

Hrynevych, L. (2021). Stalin’s Faminogenic Policies in Ukraine: The Imperial Discourse. *East/West: Journal of Ukrainian Studies*, 8(1), 99-143. Disponível em: <https://web.s.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=0&sid=b08433eb-d92a-4a95-8e04-4736d74959f9%40redis>

John Armstrong (1963). *Ukrainian Nationalism*. New York: Columbia University Press

Jones, G. (1933, 8 de maio). The Peasants in Russia: Exhausted Supplies. *Manchester Guardian*.

Kasianov, G. (2021). Holodomor and the Holocaust in Ukraine as Cultural Memory: Comparison, Competition, Interaction. *Journal of Genocide Research*, 1-12. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14623528.2021.1968146>

Kis, O. (2021). Women’s Experience of the Holodomor: Challenges and Ambiguities of Motherhood. *Journal of Genocide Research*, 23(4), 527-546.

Knysh, Z. *The Warsaw Process of the OUN*.

Kovalevsky, M. (1936) “Ukraïna pid chervonym iarmom” (Ukraine under the Red Yoke).

Kulchytskyi, S. V. (2012). ‘Holodomor in Ukraine 1932-1933: An Interpretation of Facts. *Holodomor and Gorta Mór: Histories, Memories and Representations of Famine in Ukraine and Ireland*.

Mace, J. E. (1932). The man-made famine of 1933 in Soviet Ukraine. *Famine in Ukraine, 1933*, 1-14.

Mace, J. E., & Heretz, L. (Eds.). (1990). Oral history project of the Commission on the Ukraine Famine (Vol. 1). US Government Printing Office.

Marples, David (2013). «The OUN, 1929–43». *Heroes and Villians*. [S.l.]: Central European University Press. p. 79–123.

Miron, D. (1985). *Execution by Hunger: The Hidden Holocaust*.

Mudryi, V. (1933) “Лихоліття України.” “Lyhotillya Ukraini”. Lviv.  
[http://resource.history.org.ua/cgi-bin/eiu/history.exe?&I21DBN=ELIB&P21DBN=ELIB&S21STN=1&S21REF=10&S21FMT=e lib\\_all&C21COM=S&S21CNR=20&S21P01=0&S21P02=0&S21P03=ID=&S21COLORTERMS=0&S21STR=0014767](http://resource.history.org.ua/cgi-bin/eiu/history.exe?&I21DBN=ELIB&P21DBN=ELIB&S21STN=1&S21REF=10&S21FMT=e lib_all&C21COM=S&S21CNR=20&S21P01=0&S21P02=0&S21P03=ID=&S21COLORTERMS=0&S21STR=0014767)

Odesa National I. I. Mechnikov University. (2009). Історії виживших від Голодомору 1932–1933 років. In I. Velykanova (Ed.), *Науковий збірник: збірник наукових праць*. Одеса: Видавництво Одеського національного університету імені І. Мечникова.

Parrot, A. *Western Ukraine and the Holodomor of 1932–1933*

Rebet L. (1997). *Theory of the nation*. – Lviv. P. 73.

Rudnytsky, I. L. (1972). The Soviet Ukraine in Historical Perspective. *Canadian Slavonic Papers*, 14(2), 235-250.

Serbyn, R., & Krawchenko, B. (Eds.). (1986). *Famine in Ukraine, 1932-1933*. Canadian Institute of Ukrainian Studies University of Alberta.

Shukhevych S. (1991), *My Life. Memories*, Publication Ukrainian publishing associations, London,

Stalin. J.(1932, 2 de julho) Letter from Stalin to Kaganovich and Molotov on the Ukrainian SSR leadership.

Sullivant, R. S. (1962). *Soviet Politics and the Ukraine 1917–1957*. Columbia University Press.  
<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015005759835&view=1up&seq=15>

Sysyn, F. (2015). Thirty years of research on the Holodomor: a balance sheet. *East/West: Journal of Ukrainian Studies*, 2(1), 3-16.

Tretiak, O. L., Blidnov, S. F., Nikolskyi, V. M., Parseniuk, B. F., Troyan, M. N., & Zaichenko, I. M. (2008). “Книга пам'яті жертв Голодомору в Україні, Донецька область.” КП «Регіон».

Донецьк. P.394. Disponível em: [https://holodomormuseum.org.ua/wp-content/uploads/2019/10/donecka\\_obl\\_t1.pdf](https://holodomormuseum.org.ua/wp-content/uploads/2019/10/donecka_obl_t1.pdf)

Vassyan Yu.(1972). Ideological foundations of Ukrainian nationalism. Vassyan Yu. Works. Community philosophical essays. - Toronto. Vol. 1.

Wheatcroft, S., & Davies, R. W. (2004). The Years of Hunger: Soviet Agriculture, 1931-1933. Basingstoke: Palgrave Macmillan. Disponível em: <https://www.eh.net/?s=Peasants+of+31> .

Wylegała, A. (2017). Managing the difficult past: Ukrainian collective memory and public debates on history. Nationalities Papers, 45(5), 780-797. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00905992.2016.1273338>

Yefimenko, H., & Olynyk, M. (2008). The Kremlin's Nationality Policy in Ukraine after the Holodomor of 1932—33. Harvard Ukrainian Studies, 30(1/4), 69-98. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23611467> .

Шевчук, В. П. (1991). Голод 1932–1933 років на Україні: очима істориків, мовою документів. Український історичний журнал, (5), 154-156.'